



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Marcelo Hayeck

O Mal-estar Contemporâneo e a sua Relação com
as Novas Tecnologias da Informação e
Comunicação (NTIC)

UBERLÂNDIA
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



O Mal-estar Contemporâneo e a sua Relação com as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC)

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Instituto de Psicologia da Universidade
Federal de Uberlândia, como requisito
parcial à obtenção do Título de Bacharel em
Psicologia.

Orientador: Prof.º Dr.º Airton Pereira do
Rêgo Barros

UBERLÂNDIA
2019

Marcelo Hayeck

O mal-estar contemporâneo e a sua relação com as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof.º Dr.º Airton Pereira do Rêgo Barros

Banca Examinadora

Uberlândia, 04 de Julho de 2019

Prof.º Dr.º Airton Pereira do Rêgo Barros
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof.ª Dr.ª Ana Paula de Ávila Gomide
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Karen Rezende Penha
Psicanalista

Uberlândia, 21 de abril de 2019

RESUMO

As Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC) surgem como uma alternativa para os meios tradicionais no manejo de dados. Com o advento dos dispositivos integrados – *smartphones* – e a comunicação em rede – *Internet* – o ser humano se depara com novas possibilidades existenciais. Em contrapartida, o sofrimento humano encontra outro campo de expressão e surgem novas patologias referentes ao uso destes objetos. O objetivo deste trabalho foi retomar uma breve história do desenvolvimento das NTIC para interrogar a constituição dos sujeitos atuais em locução à cultura e ao mal-estar contemporâneo. O método utilizado foi o psicanalítico, ou seja, interpretativo. A partir disso, foi elencado a *Internet* como um sintoma contemporâneo, pois mantém a essência de sua época em seu cerne. Entretanto, compreende-se a cultura vigente e todas as suas construções simbólicas como ineficazes em propiciar contorno a existência humana. Tal feito se dá devido a uma sociedade precária e mortificante para com seus cidadãos, onde propaga-se o gozo e a submissão, causando um estado de insuficiência e falência simbólica. Todo esse cenário se desenrola considerando as relações de trabalho e o poder coercitivo do Capital. Portanto, retomando à Freud e Lacan, há o sintoma enquanto singularidade e força do sujeito. Ademais, conclui-se alternativas para o enfrentamento das situações de desamparo e utiliza-se do conceito de pulsão para abarcar os investimentos humanos em relação às NTIC. Dessa forma, encontrando as novas tecnologias como vetores do gozo dos sujeitos e uma das particularidades do mal-estar contemporâneo.

Palavras-chave: Novas Tecnologias da Informação e Comunicação; NTIC; Psicanálise.

ABSTRACT

The New Information and Communication Technologies (NICT) appear as an alternative to the traditional means of data management. With the advent of integrated devices - smartphones - and network communication - Internet - the human being is faced with new existential possibilities. In contrast, human suffering finds another field of expression and new pathologies arise regarding the use of these objects. The objective of this work was to review a brief history of the development of the NICT to interrogate the constitution of the current subjects in locution to contemporary culture and malaise. The method used was the psychoanalytic, that is, interpretative. From this, the Internet was listed as a contemporary symptom, because it keeps the essence of its time at its core. However, the current culture and all of its symbolic constructions are understood as ineffective in providing a contour for human existence. This is due to a precarious and mortifying society towards its citizens, where it spreads *jouissance* and submission, causing a state of insufficiency and symbolic bankruptcy. All of this scenario unfolds considering the labor relations and the coercive power of the Capital. Therefore, returning to Freud and Lacan, there is the symptom as the singularity and force of the subject. In addition, the conclusion brings alternatives for coping with situations of helplessness and the use of the drive concept to cover human investments in relation to NICT. In this way, finding the new technologies as vectors of the subjects *jouissance* and one of the peculiarities of the contemporary malaise.

Keywords: New Information and Communications Technologies; NICT; Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	06
2	O PRIMÓRDIO DA INFORMÁTICA E A ATUALIDADE DAS NTIC....	10
	2.1 O mundo simulado e os seus habitantes: hiper-real.....	17
	2.2 As NTIC e as notícias falsas (<i>fake news</i>).....	19
	2.3 O desmentido enquanto paradigma social.....	24
3	AS NTIC E O SOFRIMENTO CONTEMPORÂNEO.....	26
	3.1 O sintoma enquanto a singularidade do sujeito.....	35
	3.2 As pulsões e a diversidade no uso das NTIC.....	41
4	CONCLUSÃO.....	46
	REFERÊNCIAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre o mal-estar contemporâneo e a sua relação com o uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC) sob a perspectiva psicanalítica. Para tanto, se fez valer do trabalho de Freud (2010/1930) em “O mal-estar na civilização” para compreender e delimitar o conceito de mal-estar como advindo de uma insatisfação pulsional que é intrínseca a cultura humana. Segundo o próprio Freud, a origem deste mal-estar estaria no mecanismo de recalque que atua nos sujeitos, sendo este mecanismo de defesa considerado uma necessidade para a regulação da vida em sociedade.

Ao mencionar o termo “cultura”, imediatamente nos referimos ao conjunto de valores e atividades humanas, junto de todos os grupos sociais, as instituições presentes nas civilizações e as suas realizações (Freud, 2010/1930). Deste modo, englobamos todas as construções simbólicas que estão disponíveis para dar sentido à vida, partindo da premissa de que o ser humano não possui uma orientação predeterminada para a sua existência. Por isso, a qualidade social do “humano” é decorrente de um processo artificial e fabricado pela cultura (Silva, 2012).

O desenvolvimento da civilização ocorre concomitante ao desenvolvimento de tecnologias para auxiliar a preservação da vida na Terra (Freud, 2010/1930). O intuito na fabricação destes aparatos tecnológicos reside na necessidade de se domar a natureza, visando a transformação de um espaço concreto e o controle sobre as variáveis do meio ambiente. Além disso, a regulação das relações humanas, a tentativa de afastar o sofrimento e a busca por formas de satisfação orientam o percurso da humanidade. Neste trabalho, elencamos as NTIC como um fenômeno singular e decorrente da cultura contemporânea.

O conceito de NTIC constitui um entrave, visto que possuem um significado difuso, sobretudo pelo uso indiscriminado dos termos “tecnologias”, “informação” e “comunicação” (Izquierdo, 2009). Neste trabalho, entende-se como “informação” um processo de transmissão de signos por um determinado canal e que esteja de acordo com uma fonte específica, pressupondo o recebimento efetivo das mensagens. A “comunicação” diz respeito à semântica e aos valores culturais adjacentes a toda e qualquer mensagem, sempre considerando as relações e os afetos que são estabelecidos.

Já o termo “tecnologia” advém do grego: “téchne” (atividade que une arte e técnica para a solução de problemas práticos) e “logos” (conhecimento, estudo, razão) (Izquierdo, 2009; Oliveira, 2008). Aqui, compreendemos a tecnologia como a junção da ciência com a técnica, resultando em um processo de construção de máquinas, ferramentas, dispositivos e instrumentos para o controle e transformação do mundo. Ressaltando a economia produtiva atualmente se sustenta no desenvolvimento de maquinarias eficazes e eficientes, ou seja, por meio de uma produção maior, em menor tempo e com economia de recursos (Lira & Miranda, 2016).

Corroborando o valor cultural das NTIC, citamos a “Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura” (UNESCO), que aponta que as novas tecnologias oriundas da Terceira Revolução Industrial estão por excelência atreladas à educação e a cultura (Matsuura, 2005). Para esta instituição, as novas tecnologias objetivam a produção e o compartilhamento de conhecimentos para potencializar o desenvolvimento humano.

Em suma, as NTIC são tecnologias desenvolvidas como formas de informação e comunicação que estão mediadas pela informática, sendo passível a identificação de cinco núcleos fundamentais: a informação propriamente dita, ou seja, os signos; a possibilidade de adentrar toda a vida humana; uma interconexão lógica na morfologia

da rede de dispositivos conectados; a flexibilidade; e a convergência de diversas tecnologias em um sistema integrado (Izquierdo, 2009).

Outros fatores inerentes às NTIC: imaterialidade, interatividade, instantaneidade, inovação, alta qualidade de imagem e som, digitalização, automatização, interconexões, diversidade e maior influência acerca dos processos perante os produtos finais (Cabero, 1996). Para alcançar o que almeja a via de tráfego para os sinais digitais são os satélites artificiais e as fibras óticas, permitindo que os dados fluam em um espaço e tempo dinâmico, desmontando barreiras humanas (Izquierdo, 2009).

Um ponto crucial das NTIC reside no fato de que não há o intuito de romper com as outras Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), mas sim buscar coexistir e atualizar-se entre si (Izquierdo, 2009). Dentre as TIC, podemos citar os meios de comunicação em massa: os materiais impressos, cinemas, rádios e a televisão. Quanto às NTIC, citamos: os computadores, os *tablets*, os *smartphones*, as *smart TV's* e as suas aplicações disponíveis, ou seja, os diversos aplicativos, *sites* e formas de uso possíveis. Neste trabalho iremos considerar a *Internet* como a principal mídia presente nas NTIC (Velooso & Moreira, 2014), portanto, ao mencionar esta rede de comunicações estaremos imediatamente discorrendo sobre o uso das novas tecnologias.

Frente ao material exposto, o objetivo deste trabalho é fazer uma análise acerca do uso das NTIC e a sua relação com as várias formas de sofrimento tipificadas pelo mal-estar contemporâneo. Há, ainda, o desejo de buscar por fatores ontológicos, ao qual se interrogará a constituição do sujeito a partir de uma mediação com a tecnologia e vice-versa. Entretanto, a análise proposta aqui é apenas uma dentre várias possíveis, visto que é uma qualidade própria das novas tecnologias se apresentarem por uma multiplicidade de formas e conteúdos, afetando desta forma as mais variadas dimensões da vida humana.

Desta forma, o presente trabalho justifica-se pela necessidade de se pensar as imbricações do uso das novas tecnologias na vida dos sujeitos, buscando assim entender a etiologia dessa tecnologia para interpretar o sofrimento contemporâneo. Serge André (1995), conta que o psicanalista objetiva a busca por aquilo que é da ordem da causa. Mormente, indaga-se a causa que impele o sujeito a ser incapaz de desgarrar-se no apoio do sintoma. De fato, estamos aqui tentando pesquisar uma das possíveis causas de sofrimento, para tanto, entendemos a *Internet* como um sintoma contemporâneo.

Sustentando essa justificativa, podemos citar o trabalho de Lima, Moreira, Stengel & Maia (2016). Estes autores contam, a partir de uma revisão bibliográfica, sobre a escassez de trabalhos relativos a abordagens da Psicologia perante o desenvolvimento da *Internet*, das redes sociais e as suas decorrentes transformações sociais. Prosseguindo, eles formulam a hipótese de que isso ocorre devido tanto a atualidade do tema quanto a característica da dinâmica presente nas comunicações em rede. Então, a partir destas lacunas, pode-se entender a relevância de uma pesquisa sobre as NTIC.

Em conjunto, não devemos esquecer de que ao abordar as NTIC estamos tratando do uso de um objeto por um sujeito, ambos tendo a sua matriz na cultura e sempre em estado de perpétua transformação. Na obra “Psicologia das massas e análise do Eu”, Freud (2011/1921), ao esmiuçar a vida coletiva em articulação com uma análise individual, afirma não haver uma divisão exata entre o sujeito e a sociedade, e se há, é apenas uma separação didática para melhor compreensão de um determinado fenômeno. Desse modo, ao falar de um sujeito e dos seus objetos, estamos imediatamente falando da cultura que o cerca e dos grupos sociais ao qual pertence, pois se encontram inexoravelmente conectados entre si.

2 O PRIMÓRDIO DA INFORMÁTICA E A ATUALIDADE DAS NTIC

Ante a multiplicidade de dispositivos eletrônicos presentes na atualidade, é interessante compreender a origem da tecnologia informática. O desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação ocorreu articulado com outros eventos históricos e aqui se faz necessário um breve panorama cronológico e objetivo acerca dessas produções.

Na década de 1930, Alan Turing escreveu um artigo que se tornou a base embrionária do computador, tal como conhecemos hoje em dia. Entre 1939 e 1945, durante o período da Segunda Guerra Mundial, surgem os primeiros e imensos computadores (Miskolci, 2016; Hamelink, 1997).

Após 1950 a portabilidade dos computadores começou. Em 1969 os primeiros computadores eletrônicos em escala industrial foram produzidos pela *Bell*, uma ramificação da empresa de telefonia AT&T. Essa consideração é crítica por expor um vínculo de mercado que perdura até os dias atuais: as indústrias da rede de telefones e de computadores. Torna-se válido dizer que ambos os setores se favorecem com o desenvolvimento e a proliferação dessa tecnologia (Miskolci, 2016). Ademais, sob o terror da Guerra Fria, neste mesmo ano, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América mediante a sua Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) inaugura a ARPANET, uma rede de comunicação que conectava Universidades longínquas.

Em 1971 foi fabricado o primeiro microprocessador pela *Intel*, e pouco tempo depois, em 1975, o primeiro microcomputador chegou ao mercado, dando origem à “Era da Informação”, hoje conhecida como “Era Digital” ou “Era Tecnológica”. Em 1983 houve a divisão da ARPANET em duas estações: a MILNET e a ARPA-

INTERNET. Enquanto a primeira foi direcionada para o uso militar, a outra serviu de protótipo para a *Internet* comercial, similar à como ela é atualmente (Miskolci, 2016).

Durante a década de 1990 surgem tecnologias para facilitar o desenvolvimento da *Internet*. A partir de 1992 surgem navegadores comerciais direcionados para o público em geral, sendo que em 1995 a *Internet* começa a ser privatizada nos Estados Unidos da América e logo se expande para as diversas outras nações (Miskolci, 2016).

Dos anos 2000 em diante, houve o paulatino aperfeiçoamento da *Internet* e de sua interface. Antes, havia dificuldades em relação a velocidade e a complexidade do acesso que foram solucionados por meio da banda larga (alta velocidade) e o sucesso das redes sociais. Todas essas transformações ocorreram devido ao crescimento econômico e derivado da inserção de classes pobres no mercado de consumo, permitindo a redução dos custos de produção. É relevante apontar que a popularização do acesso à *Internet* ocorreu por meio da facilidade na compra e manuseio de *smartphones* (Miskolci, 2016).

Utilizando o trabalho de Hamelink (1997), em um documento redigido para a *United Nations Research Institute for Social Development* (UNRISD), encontramos algumas previsões incapazes de determinar se as novas tecnologias digitais podem vir a afetar o desenvolvimento social de forma majoritariamente positiva ou negativa.

Ainda com Hamelink (1997), encontramos a definição de “digitalização” como um processo que transforma algo concreto em um conteúdo digital, a partir de uma lógica binária. Nesse cenário, estamos diante da possibilidade de condensar inúmeras informações, facilitando o acesso a uma gama teoricamente infinita de dados em um determinado dispositivo. Se antes as informações apareciam em lugares distintos, houve um processo de transformação e integração dos dados decorrente da multifuncionalidade da tecnologia. Esta assunção é um marco das novas tecnologias.

Atualmente, perante a digitalização da informação, precisamos entender o termo “*Big Data*”, que é utilizado para significar o gerenciamento da inimaginável quantidade de informações que são produzidas diariamente (Santos, Camilo, & Mello, 2018). Uma das formas encontradas para dar conta desse volume de informações é a Inteligência Artificial (IA), que é justificada devido a intenção dessas tecnologias em produzirem a solução de problemas a partir de uma interface prática, rápida e objetiva.

A IA é categorizada como um campo da computação que é dedicado à simulação da capacidade humana de processar as informações, analisar dados e articular informações distintas entre si, formando uma lógica. Todavia, a IA visa sobrepujar a capacidade humana reduzindo o tempo e aumentando a excelência para a resolução de adversidades (Santos, Camilo, & Mello, 2018).

Dentro do campo da IA também podemos mencionar alguns termos recorrentes: “*machine learning*” e “*deep learning*”. Ambos os termos se referem a formas como uma máquina realiza a sua aprendizagem e altera o seu funcionamento (Damaceno & Vasconcelos, 2018), simulando desta forma a capacidade cognitiva humana e seus processos de assimilação e acomodação.

A partir das possibilidades estabelecidas pela existência da IA, do *machine learning* e do *deep learning*, popularizam-se as Redes Neurais Artificiais (RNA's). Esta tecnologia é referente a projetos experimentais que utilizam algoritmos matemáticos para realizar projeções acerca de um determinado cenário onde há variáveis desconhecidas (Fleck, Tavares, Eyng, Selman, & Andrade, 2016). Sobretudo, para que tal ação flua e atinja os seus objetivos, a tecnologia deve ser capaz de apresentar uma forma de aprendizagem e a possibilidade de generalizar e articular aquilo que foi aprendido, gerando conteúdos não-lineares.

Afinal, para o que podem servir estas tecnologias? Fleck et al (2016), apresenta alguns exemplos reais: o controle de substâncias orgânicas em um reator biológico; a estimativa de evapotranspiração em função da temperatura do ar – perda de água em um determinado ecossistema; e um indicador de soroprevalência (frequência de verdadeiros positivos em uma determinada população) para a Hepatite A.

Apoiando-se nessa lógica, podemos entender que as formas de uso dessas tecnologias são infindáveis. Estamos diante de uma tecnologia que é capaz de simular a realidade a partir de uma representação neural e prover uma gama de respostas para situações problemáticas. Tal tecnologia revela um fascínio, talvez porque aquilo que em um passado foi fantasia ou ficção começou a se tornar uma realidade cada vez mais palpável. Entretanto, o que as civilizações planejam realizar com isso?

O cinema como ferramenta de expressão cultural é um importante objeto de análise na medida em que apresenta as fantasias e aspirações de uma sociedade. Como exemplo podemos citar algumas obras: *Bicentennial Man* (Columbus, 1999), *A.I. - Artificial Intelligence* (Spielberg, 2001), *Minority Report* (Spielberg, 2002) e *Her* (Jonze, 2013). Estes filmes buscam elaborar a aprendizagem das máquinas sob a ótica dos sentimentos humanos e, ao mesmo tempo, questionam sobre as qualidades que marcam a condição humana. Nesse aspecto, salienta-se o valor atribuído aos afetos e que se distinguem como um apelo sobre o que é ser humano.

Minority Report (2002), Relatório da Minoria em tradução livre, além de abarcar tais reflexões, traz à tona a possibilidade de erro nas previsões derivadas de artificies tecnológicas. No roteiro desta película, a tecnologia se desenvolve ao ápice de predizer atos criminosos, permitindo uma intervenção antecipada da força policial.

Quanto a isso, podemos pensar na importância de uma Ética que propicie limites para as diversas possibilidades derivadas das novas tecnologias. Vamos dispor do

conceito de profecia auto-realizadora, que diz respeito a uma falsa especulação a qual gera uma mudança comportamental em indivíduos ou grupos para que sejam impelidos a tornar verdadeiro o que foi estipulado (Britto & Lomonaco, 1983). Utilizando-se de projeções acerca de uma variante qualquer e referente a uma população, estaríamos nos antecipando a um cenário ou nos orientando rumo a este futuro?

O filme *Her* (2013) é o mais recente dentre os citados. O roteiro parte da premissa de que a tecnologia se desenvolveu ao cúmulo de propiciar um assistente pessoal virtual, com base em uma IA que simula plenamente uma pessoa real. No fim, além de podermos pensar em uma releitura do desamparo humano e da depleção contemporânea, titanicamente, observamos a questão dos vínculos para a pós-modernidade.

A respeito do filme *Her* (2013), um evento recente se torna curioso. Advindo de uma empresa sul-coreana, o aplicativo digital batizado de *SimSimi* permite ao usuário estabelecer um diálogo com uma IA. Entretanto, houve um caso inédito em todo o mundo envolvendo o uso deste aplicativo no Brasil. O serviço foi suspenso (G1, 2018b), pois diversos usuários ensinaram a IA a realizar ofensas, ameaças de assassinato e sequestro.

Para dar sentido a discussão proposta aqui, devemos entender estes filmes como uma forma de manifestação cultural. Dentro deste contexto e de acordo com o que foi apresentado na introdução, a cultura é responsável por dar contorno simbólico a existência humana, ou seja, dar sentido à vida. Tudo aquilo que se desenrola nas obras cinematográficas pode ser entendido como os anseios humanos diante da história que os circunda.

Contextualizando estes argumentos e tentando compreender estas formas de inteligência artificial, Hamelink (1997) aponta que “*smart*” (esperto/inteligente) é uma

palavra-chave dentro deste meio e discorre sobre os possíveis usos futuros dos *smartphones* e as expectativas a respeito da produção industrial destes aparelhos. Um aspecto crucial reside no caráter onipresente das NTIC, devido ao fato de que elas podem se encontrar em qualquer lugar, ainda mais considerando o contínuo processo de miniaturização da tecnologia. Desde 1997 já se preconizava que tais tecnologias iriam permear desde os cômodos da casa de uma pessoa até às demais atividades que abarcam toda a vida humana.

No presente, há a popular *Internet of Things* (*Internet das Coisas*) (IOT) que designa a conexão de quaisquer dispositivos (assistentes eletrônicos, computadores, celulares, televisões, carros, câmeras, refrigeradores, consoles de jogos, relógios, lâmpadas e etc.) entre si, produzindo uma articulação dos dados e a automatização de diversas partes do cotidiano. Desta forma, por exemplo, são disponibilizadas “casas inteligentes”, “carros inteligentes” e projeta-se para um futuro próximo “cidades inteligentes” que visam funcionar de forma integrada, buscando a racionalização de todos os tipos de recursos (Santos, et al., 2016).

Como ficou demonstrado acima, a tecnologia informática, a *Internet* e as NTIC tendem a se integrar a toda esfera da vida humana. A partir disso, se faz necessário reconhecer as problemáticas que podem decorrer do uso destes objetos. Impasses morais, éticos e jurídicos já rondavam o imaginário de Hamelink (1997), uma vez que ele se mostra preocupado com questões referentes aos direitos intelectuais e a privacidade dos sujeitos.

A questão da censura se mostra para este autor a partir da dedução de que se há mais informação disponível, haverá mais pessoas interessadas em sua limitação, incluindo situações onde determinadas informações não podem transitar entre nações.

Outro aspecto notável é referente a manipulação do conteúdo digital, visto que ele pode ser transformado por diversos métodos e com incontáveis motivações.

No Brasil, desde 2012, é crime a obtenção ou a divulgação de dados particulares sem a autorização dos envolvidos (Faria, Araújo, & Jorge, 2015). De toda forma, no mundo contemporâneo seguem ocorrendo incontáveis atos ilícitos a este respeito. Exemplificando: há uma prática mundialmente conhecida como *revenge porn* (pornografia de vingança) e que consiste na divulgação de cenas de sexo ou do corpo nu de pessoas com o objetivo de vingar-se, punir ou humilhar o outro em público.

Dito isso, ao entrarmos em contato com as NTIC, nos deparamos a todo o momento com questões éticas, morais e jurídicas, talvez sequer tomando consciência de tais imbricações. Por um lado, podemos pensar acerca da exclusão digital que é referente às pessoas que tem ou não tem acesso a determinadas informações; em outro ponto, podemos pensar acerca da licitude do consumo das mídias digitais; e há também a possibilidade de refletir acerca de quem detém, controla, manipula e seleciona o acesso às informações, seja este o Estado ou as corporações (Pantaleão, 2010; Maciel Júnior & Henrique da Costa, 2016).

Outro ponto excruciante é a necessidade de se pensar o espaço virtual como mais uma ocupação suscetível a transgressão da lei (Faria, Araújo, & Jorge, 2015; Santos, Camilo, & Mello, 2018). Com isso, surgem diversas contradições sociais que demandaram resoluções: o ambiente virtual, dada a sua imaterialidade imediata, iria se configurar como local de um crime? Como se situaria a tangibilidade das provas? Como haveria fiscalização e investigação ao mesmo tempo em que há preservação dos direitos de todos os usuários presentes no âmbito virtual?

Todas essas questões precisam de uma elaboração articulada com as diversas esferas da sociedade. Não obstante, há no Brasil a Lei 13.709/2018 (BRASIL, 2018),

que oferece parâmetros acerca do manejo de informações digitais. Perante a lei, toda pessoa (seja ela física ou jurídica) que coleta dados, também é responsável por manter a sua segurança e privacidade. Este é um passo em direção a uma regulação estatal diante um comportamento criminoso (divulgação de informações particulares) encontrado com frequência nas NTIC, mas que é recente e por isso não permite avaliações precisas acerca dos seus resultados.

Apesar disso, a impressão que fica ao término deste compilado de informações é que há uma potência nas novas tecnologias e que podem ser benéficas ao desenvolvimento humano, mas em contrapartida, reside uma incógnita. Como se fosse proferida por uma esfinge que ameaça devorar o incauto, há um estranhamento ao pensar que o ambiente virtual pode ser mais um campo para as repetições tanáticas: violência, agressões fortuitas, *bullying*, vinganças, manipulações, dentre outras manifestações destrutivas; e, além disso, podemos considerar a obsolescência humana diante da *Inteligência Artificial* como uma ameaça, naquilo que ela comporta de estranho.

2.1 O mundo simulado e os seus habitantes: hiper-real

Retomando o tópico anterior, vamos destacar o significante “simulação” e a sua desmedida repetição neste trecho. Em síntese, qual o seu significado? No livro “Simulacros e simulação”, Jean Baudrillard (1991/1981) diz que a simulação seria um modelo ilusório do real, que já não possui realidade. Tal modelo já não é mais o real, pois foi reduzido, desprende-se dos imaginários e das especulações; é apenas operacional, foi produzido e pode ser reproduzido *ad infinitum*; é uma prótese de um hiper-real:

Nesta passagem a um espaço cuja curvatura já não é a do real, nem a da verdade, a era da simulação inicia-se, pois, com uma liquidação de todos os referenciais — pior: com a sua ressurreição artificial nos sistemas de signos, material mais dúctil que o sentido, na medida em que se oferece a todos os sistemas de equivalência, a todas as oposições binárias, a toda a álgebra combinatória. Já não se trata de imitação, nem de dobragem, nem mesmo de paródia. Trata-se de uma substituição no real dos signos do real, isto é, de uma operação de dissuasão de todo o processo real pelo seu duplo operatório, máquina sinalética metaestável, programática, impecável, que oferece todos os signos do real e lhes curto-circuita todas as peripécias. O real nunca mais terá oportunidade de se produzir — tal é a função vital do modelo num sistema de morte, ou antes de ressurreição antecipada que não deixa já qualquer hipótese ao próprio acontecimento da morte. Hiper-real, doravante ao abrigo do imaginário, não deixando lugar senão à recorrência orbital dos modelos e à geração simulada das diferenças (Baudrillard, 1991/1981, p.9)

Antes de prosseguir, nos atenhamos mais a este termo. Baudrillard (1991/1981) prossegue apontando que a diferença entre fingir e simular reside no fato de que o primeiro mantém o princípio de realidade, enquanto a simulação implica uma ausência do real. Para este autor, a interrogação reside acerca de como o mundo já não mais possui distinção entre os seus simuladores, sendo os próprios indivíduos cativos e algozes das ilusões. A “precessão dos simulacros” dita por Baudrillard refere-se ao estopim ao qual a simulação vem antes do real, ou seja, o simulador passa a determinar a realidade.

Verdade e mentira (salvo as devidas proporções de uma perspectiva maniqueísta) deixam de existir enquanto referenciais do real. A simulação franqueia a inexistência dessa dicotomia, pois, por exemplo, x consegue simular y de tal forma que não se trata de uma mera imitação. Baudrillard (1991/1981) tece a sua conclusão de que a Psicanálise se torna interminável justamente por isso: o discurso do sujeito se emaranha em uma simulação, entretanto, não é uma mentira. Tudo se resume a um simulacro, ou seja, um circuito que não é irreal, tão pouco é equivalente do real e sequer pode trocar-se com a realidade.

Ora, e o que isso tem a ver com aquilo e com qualquer outro fenômeno explorado até agora? A existência do sujeito aos poucos se torna parte de um simulacro, simulada inclusive por ele próprio. O advento das NTIC e das diversas tecnologias que a integram se contorcem em uma teia: são a causa dos modelos de simulação atuais ou são uma consequência da formalização de uma precessão dos simulacros?

Via o que foi dito aqui, talvez não seja possível encontrar uma assunção verdadeira e outra mentirosa. Citando Lacan (1993/1974): “Digo sempre a verdade: não toda, porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível, materialmente: faltam as palavras. É justamente por esse impossível que a verdade provém do real.”.

Ao buscar uma resposta arbitrária vamos apenas nos deparar com o *nonsense* do Real, este sim, terrorífico em sua angústia e insimbolizável em sua manifestação. Diante disso, talvez os sujeitos possam se deparar com a falta no Real, em alusão *das Ding*, e encontrar algo no Outro que demarque a sua posição em relação a este vazio existencial (Lucero & Vorcaro, 2013).

2.2 As NTIC e as notícias falsas (*fake news*)

Para dar continuidade, vamos nos ater ao impacto que as NTIC podem causar na vida dos sujeitos em sociedade. Atentando-nos a história concreta, podemos pensar em um escândalo mundial que envolve a questão dos dados digitais. A Cambridge Analytica é uma empresa de mineração e análise de dados digitais que atua com assessoramento político nos Estados Unidos da América e trabalhou para a eleição do atual presidente estadunidense em 2016. Em 2018, a equipe do *Facebook*, incluindo um dos seus criadores, declarou que esta empresa se apoderou dos dados de uso de 87 milhões de seus usuários. A título de curiosidade, esta mesma empresa de assessoria

trabalhou com o grupo que promoveu e influenciou o *Brexit* para a saída do Reino Unido da União Europeia (G1, 2018a).

O objetivo dessas ações é influenciar os eleitores a aderirem às propostas de um determinado grupo político. Para tanto, se fez necessário a análise de dados da população para a montagem e análise dos seus perfis – ansiedades, medos, fantasias, desejos, dificuldades, histórico de pesquisa e história pessoal. Tais dados foram analisados por meio da Cambridge Analytica (Carta Capital, 2018).

No Brasil, a Cambridge Analytica fez uma parceria com um publicitário e instalou sua filial nacional em 2017, chamada de Cambridge Analytica Ponte. Atualmente, é de conhecimento público o apoio do fundador desta empresa ao candidato que eventualmente ganhou as eleições brasileiras de 2018 (Carta Capital, 2018; O Globo, 2018b).

Entretanto, neste trabalho, o foco não está nos jogos políticos e suas tramas perversas. Aqui, devemos nos atentar ao poder relacionado às NTIC. Christopher Wylie foi um funcionário da Cambridge Analytica que sob o codinome “*whistleblower*” divulgou as operações da empresa. Em suas entrevistas, já assumindo a sua identidade e a sua função de trabalho, ele revelou que a intenção por trás da sua atividade na análise dos dados e da própria existência da organização era descobrir os “demônios interiores” da população, visando a sua manipulação pelo medo (The Guardian, 2018a; 2018b).

O poder das NTIC reside naquilo que ela é, como foi dito anteriormente: um conjunto de dispositivos integrados em uma rede de comunicações e que permeiam toda a vida dos sujeitos contemporâneos. Para dar prosseguimento a ilustração que se forma, vamos buscar um dos pontos de convergência entre a eleição dos Estados Unidos da América e a do Brasil: as *fake news* e a manipulação das angústias da população.

O fenômeno das notícias falseadas e fabricadas com o intuito de manipular a população não é algo novo. Existem fatos históricos que remontam desde o século XVI e que atestam a prática de profissionais em divulgar notícias falsas ou enviesadas por meios de comunicação em massa (Delmazo & Valente, 2018). O alvo da falácia pode ser uma pessoa pública, um determinado grupo social ou uma ideia, ou seja, entende-se que o objetivo final é uma tentativa de atuar sobre o imaginário dos sujeitos.

Atualmente, as *fake news* encontraram um terreno profícuo nas redes sociais e se manifestam como um movimento político. Tomando o trabalho de Delmazo & Valente (2018), compilamos alguns termos que contribuem para a proliferação dessas notícias: (1) um ambiente virtual percebido como um lugar com ausência de regras; (2) a facilidade no compartilhamento de informações e *links*; (3) a dificuldade na identificação das fontes; (4) a obtusa ação em divulgar *links* e títulos de notícias sem tomar conhecimento do conteúdo em si ou não ler o material de forma completa; (5) a falta de referenciais contextuais nas notícias; (6) e a possibilidade de se obter lucro a partir do *clickbait*, isto é, quando alguém visualiza uma notícia que lhe chamou a atenção e entra em contato com algum tipo de publicidade, há um processo que é revertido em dinheiro para uma pessoa ou uma corporação.

Considerando que as *fake news* não são uma novidade histórica e a partir do apanhado acima, podemos pensar naquilo que é singular a nossa época. Novamente, temos as NTIC como um conjunto de dispositivos que podem estar presentes em todos os lugares e que são vetores de notícias falsas. Por sua vez, estas notícias geram lucro para alguns grupos e ao mesmo tempo atendem objetivos políticos em uma escala macrossocial. Para efeito de comparação, algumas nações já consideram a vinculação de notícias falsas e a desinformação geral de sua população como atos terroristas,

outras, reconhecem a gravidade do problema e o articulam com o aumento de crimes de ódio e atos violentos (Delmazo & Valente, 2018).

O impacto na cultura se escancara em outros âmbitos, mas vamos retornar ao caso das eleições presidenciais por demonstrar um evento que pode influenciar a história humana. Pesquisas apontam que os adultos e idosos estão inseridos nas redes sociais e confiam naquilo que encontram na *Internet* e, em contrapartida, demonstram um detrimento na confiabilidade das TIC tradicionais (Delmazo & Valente, 2018). Outrora, durante o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff e na eleição de Donald Trump, ambos em 2016, as *fake news* que foram compartilhadas nas redes sociais são majoritariamente referentes a estes eventos.

As consequências derivadas das *fake news* podem ser avassaladoras em diversos contextos, mesmo em esferas micropolíticas das comunidades humanas. Um exemplo disso são os casos de extrema violência que tiveram como fenômeno precipitante os boatos falsos espalhados pela *Internet* e a partir das NTIC. Agora, além de destacar a existência de uma notícia que perversamente justifica a cruel aniquilação de seres humanos, temos como intenção o questionamento acerca da situação da Lei e do contrato social na atualidade.

No Brasil, uma mulher foi ferozmente linchada, como uma *via crucis* por um aglomerado de pessoas. Isto ocorreu após a divulgação de um rumor fajuto de que ela sequestrava crianças para praticar rituais mágicos (UOL, 2018). No México, um grupo local espancou e incinerou dois homens que foram injustamente acusados pelo sequestro de crianças (BBC, 2018b). Na Índia, em decorrência de histórias falsas e vídeos editados, houveram ao menos 18 linchamentos entre abril e julho de 2018 (BBC, 2018a). Todas as falácias foram disseminadas pela/para população por meio de aplicativos presentes nas NTIC: *Facebook* e *WhatsApp*.

Perante estas informações e pensando acerca do poderio referente às *fake news*, podemos pensar no desamparo e na necessidade do recalque como elemento civilizatório. Ora, pelo retratado acima, alguns membros da sociedade que utilizam as redes sociais estão mais ou menos desamparados diante das notícias que recebem. Não somente em relação às notícias que leem, mas aos objetos que utilizam para acessar este conteúdo. Estamos diante de um sujeito que está à mercê da tecnologia, mas encontra neste espaço possibilidade de existência e gozo. Sobretudo, pelo que foi relatado acima, estamos diante de um gozo mortífero e que rompe tudo aquilo que um dia já se instituiu como pilar do mundo civilizado.

O trágico desta situação de desamparo se monta ao pensarmos que figuras públicas que possuem *status* de líderes sociais fazem valer do uso dessas notícias falsas. Além disso, entidades públicas, corporações privadas e demais centros que possuam força de coerção também podem se dispor destes métodos. Dentro do campo da possibilidade, quando a Lei se esvanece, tudo é possível. Então, enfraquece-se o pacto civilizatório, que diz respeito a presunção de que os sujeitos em sociedade se submetam perante as leis que sustentam a sociedade. A partir disso, podemos apreender uma analogia do desamparo ao reconhecer a pequenez do Eu e a magnitude do Outro, ambos sem a continência de um pacto social satisfatório para trazer segurança, conforto e possibilidade de defesa.

O trabalho de Oliveira, Resstel & Justo (2016), corrobora com esta posição ao analisar o desamparo psíquico na atualidade. As experiências de vida contemporâneas são fragmentadas e marcadas pelo vazio, pela individualização e pela abdicação das responsabilidades sociais, por isso marcam o sujeito com o desamparo e o compelem a utilizar defesas primitivas. Com isso, estamos em propulsão a uma sociedade em ruptura, onde os sujeitos estão em regressão e em um estado de falência simbólica.

2.3 O desmentido enquanto paradigma social

Retomando o recorte histórico acerca das origens das tecnologias, destacamos o setor privado no desenvolvimento e propagação da *Internet*. Como dito anteriormente, ao falarmos dessa rede de comunicações, prontamente abordamos as NTIC e todos os seus dispositivos. Diante dos aspectos citados, inevitavelmente, há o convite para refletir acerca das possíveis consequências destes no psiquismo dos sujeitos em locução com a cultura.

Ao discorrer sobre o setor privado, temos que nos atentar a produção dessas diversas tecnologias e o seu consumo. A popularização das NTIC ocorreu em paralelo com a consolidação do poderio econômico das empresas de telefonia e informática (Miskolci, 2016). Sob a lógica de mercado corrente, entendemos que as corporações privadas estão inseridas sob a máxima capitalista, em uma posição onde vigora a valorização do Capital por meio da produção de novas necessidades (Fontes, 2017). Por exemplo, a demanda por existir em um ambiente virtual é tão forte que caso o sujeito se recuse a participar, pode ser estigmatizado e excluído socialmente (Maciel Júnior & Henrique da Costa, 2016).

A aliança entre as empresas de telefonia e *Internet* perpetua-se até hoje e, neste tocante, citamos uma prática ilícita comum e que é realizada por estas empresas no Brasil. Desde 2010 até 2018 foram encontradas notícias vinculadas em populares *sites* acerca da *venda casada* – crime contra as relações de consumo –, onde as empresas condicionam a telefonia à *Internet* (G1, 2010, 2015; O Globo, 2016, 2018b).

Ao elencar estes fatos neste trabalho, objetiva-se escancarar o poder de coação do Capital corporativo em detrimento da própria lei do Direito, uma vez que os usuários são impelidos a pagarem por determinados serviços indesejados. Em outra parte, é digno analisar o pacto entre as corporações de telefonia e *Internet* de acordo com as

suas ações. A fragilidade da legislação no Brasil é histórica e remonta desde a época da colonização e exploração da mão-de-obra escrava, tipificada por expressões como “lei para inglês ver” e “leis que não pegam” (Coutinho, 2017).

Visando ponderar sobre o lugar que os sujeitos ocupam nessa trama, podemos pensar com o auxílio do trabalho de Sequeira (2009). Esta autora relaciona o desmentido (“*verleugnung*”) enquanto mecanismo organizador de uma posição subjetiva e fracasso do pacto social. Isso ocorre a partir da marginalidade que os sujeitos ocupam em uma sociedade cujo sistema de leis e estrutura social se fundam em mecanismos de dominação da vida humana e proteção do Capital. Este feito deriva da promessa que o Estado assegura sobre uma suposta igualdade entre os cidadãos, mas que não é efetivada na experiência cotidiana. Aliado a isso, devemos pensar que todos os membros da sociedade estão inseridos em um mercado de consumo global, cujo imperativo é a promessa de gozo.

É imprescindível notar que o trabalho de Sequeira (2009) não naturaliza a perversão, mas a mantém atracada ao contexto social. Note: apesar de encontrar acasos extremos de estruturas perversas, a maior parte de sua pesquisa encontrou sujeitos neuróticos em conflito com a lei. A diferença reside no fato de que o sistema social contemporâneo não permite condições existenciais dignas para todos, e ao mesmo tempo, demanda um alto nível de sublimação e servidão para uma parte da população miserável. Entretanto, nem todos são miseráveis, alguns mantêm os seus direitos intactos. Portanto, neste mundo cindido e perante essa montagem perversa, quais seriam as opções dos sujeitos?

Drawin e Moreira (2018) classificam o desmentido para além da posição perversa. Para estes autores, tal defesa é uma marca que permite compreender a sociedade contemporânea, pois o desmentido seria uma manifestação contra aquilo que

é insuportável e incognoscível para o sujeito. Não obstante, o fator incognoscível é tido como condição para a possibilidade de um desenvolvimento do conhecimento humano que não tropece em uma ilusão de completude ideológica. A lógica deste pensamento se sustenta a partir do reconhecimento de que o Real sempre será pautado pela incógnita.

Para discriminar melhor a terminologia do desmentido, recorreremos à Freud (2014/1927) no seu artigo sobre “O fetichismo”. Neste escrito, o autor considera a *Verleugnung* como o destino de uma ideia que é intolerável, a saber: a castração do outro em referência a castração de si mesmo. Quando Freud diz que “[...] o horror à castração ergue para si um monumento”, está falando daquilo que foi designado para encobrir a realidade, uma vez que a sua percepção não foi esquecida, mas sim, negada *a posteriori*, desmentida. Atualmente, a sociedade que nos circunda se oferece a partir do desmentido, citando Sequeira (2009):

Os imperativos do momento são: Seja feliz! Realize-se! Goze! Tanto o delito quanto a droga podem entrar nesse circuito, de completar a falta, de gozo pelo ato, de sustentação do falo imaginário. Nesse sentido, perverso é um sistema que prega completude, nega o Outro e a castração, além de se solidificar pela lógica da exclusão, e não pelo contrato social.

3 AS NTIC E O SOFRIMENTO CONTEMPORÂNEO

Enquanto nos tópicos anteriores foram abordados o desenvolvimento da tecnologia e o estatuto da sociedade contemporânea, agora tentaremos compreender o que há de atual no sofrimento humano. Entretanto, antes de decifrar uma parte da agonia vigente, devemos entender aquilo que dá contorno a existência do ser.

Para Heidegger, o ente ex-siste, isto é, ele não existe dentro, mas existe fora, no ser-aí. A existência só é concebida quando o ente está no mundo que o circunda, sendo o ser ontológico por natureza, ou seja, o sentido do ente em ser estaria resguardado pelo direito de questionar o sentido de ser (Kirchner, 2016). A definição de ex-sistência,

portanto, é a forma como o ser-aí se relaciona com o mundo e, por conseguinte, consigo mesmo e vice-versa, pois “todo ente que vem ao encontro do ser-aí já revela uma face do ser”.

Para Lacan, a ex-sistência, é referenciada aos furos no nó borromeano, que diz respeito aos três registros da realidade humana (Real, Simbólico e Imaginário) amarrados em forma e consistência de corda. Este buraco é presente em suas três instâncias e tido como inviolável, irredutível e inacessível, marcado pelo recalçamento primordial. A ex-sistência, portanto, seria a parte de uma instância que faz um furo em cada uma das outras duas. Cada instância ex-siste perante a outra, isto é, se encontra fora, mas propicia limite, visto que ao cortar e desenrolar uma corda, o nó se desmancha. Nesta lógica, o sujeito é determinado pelo trançar do nó nestas três instâncias, onde cada uma tem a sua consistência, o seu furo e a sua ex-sistência (Capanema & Vorcaro, 2017).

Para ambos os autores, a ex-sistência acontece pelo fora. Existir é estar em um mundo habitado por outras pessoas, portanto existindo em uma realidade compartilhada onde cada um é aquilo que as relações de mundo propiciam ser. Além disso, a existência é marcada pela falta. O sujeito que ex-siste é o ser faltante, furado em seu cerne. A possibilidade existencial se daria justamente por isso, onde diante da incompletude o sujeito se volta para o fora, para o Outro que *talvez* possa propiciar algo que já foi perdido e o continuará a ser. Como já foi dito, somente em direção ao fora pode-se tentar encontrar *a coisa* perdida.

Se a existência é referenciada ao fora, o sofrimento humano para Freud (2010/1930) é demarcado por três fontes: a força devastadora da natureza, a fragilidade da vida biológica humana e as tênues amarras que sustentam as normas que regulam os vínculos humanos. Aqui, é valoroso lembrar que o corpo humano é parte da natureza e

de acordo com Freud, nunca seremos capazes de dominar totalmente a natureza. Em decorrência disso, nunca dominaremos completamente os nossos corpos, sendo estes uma construção transitória e por excelência adequado a cultura. Nesse sentido, quando o Real faz furo no Imaginário, é antes de qualquer outra coisa, uma aflição à imagem do corpo que pode sentir em sua carne viva os efeitos da angústia (Capanema & Vorcaro, 2017).

O ambiente virtual descrito neste trabalho pode ser entendido como um mundo específico e que é constituído mutuamente com os sujeitos que o habitam. É um mundo onde as informações se proliferam pela aparência, desvalorizando a sua essência, o seu contexto e o seu conteúdo. A constituição dos sujeitos é atravessada por toda sorte de tecnologias, as quais podemos entender a partir de uma alusão ao modelo de apoio no desenvolvimento psicosssexual. Neste mundo, os sujeitos podem se fazer notados, existindo, ou seja, há possibilidade em pertencer e se relacionar com outros.

No entanto, baseado no que já foi apresentado neste trabalho, os habitantes do mundo virtual são sujeitos do inconsciente e que compartilham tudo aquilo que idealizam e desejam, muitas vezes sem sequer tomarem consciência sobre a real natureza do material divulgado. Sobretudo, gozam pelo/por compartilhamento, vide toda destrutividade elencada nos tópicos anteriores. Nesta lógica, temos pessoas que anseiam em se relacionar e compartilhar, pois, caso contrário, podem ter a sua existência ameaçada. Talvez, mediante as coerções do Capital enquanto aliadas a um Estado precário, *isso* tenha sido não a melhor saída, mas aquela que foi possível. Mesmo assim, não se deve reduzir e generalizar toda a existência do ser apenas nestes dois polos.

A respeito disso, onde fica o espaço para o questionamento, a elaboração e a transformação de si mesmo e do mundo ao redor? Como fica a produção de novos

sentidos com um mundo fixo em um modo de ser específico? Qual a via para o desamparo neste mundo onde o pacto civilizatório é ameaçado, pautado por comunicações inverídicas e uma grave sensação de insegurança para com o Outro? Este questionamento serve para todos, pois todos estamos inseridos neste mundo da tecnologia, mas também serve para pensar nas futuras gerações.

Hannah Arendt (2007/1958) faz uma análise da condição humana – vida biológica, pertencimento ao mundo e pluralidade – a partir do desenvolvimento tecnológico, sendo elencado por ela um marco histórico específico: o lançamento do primeiro satélite artificial construído a partir do trabalho humano. Para esta autora, os seres humanos almejam transformar a sua condição humana com o auxílio da tecnologia. Em contrapartida, ocorreria uma artificialização das experiências humanas mediada pela tecnologia e por meio de uma transposição da linguagem científica – precisa, inequívoca e matemática – para as relações humanas, tidas como a ação da vida ativa (Passos, 2017).

Lacan (1998/1966) nos alerta em seus “Escritos” que a Psicanálise só encontra uma via pela fala, sendo pressuposto como corolário uma resposta, inclusive no silêncio, mas desde que haja a presença de um ouvinte. Ademais, a partir do trabalho de Saussure e que é elaborado por Lacan (1997/1981) em seu terceiro seminário, “As psicoses”, concebemos alguns elementos que estão presentes no discurso: significante e significado não coincidem entre si, pois estão separados. O sujeito, ao utilizar-se de um significante (imagem acústica da palavra) para dizer algo, esconde o que falta vir a ser significado. Neste jogo, a subjetividade se mostra na realidade quando supomos um sujeito capaz de utilizar-se desta cadeia significante para comunicar-se.

Retomando o poder das palavras, entendemos que quanto mais vazio de significado, mais indestrutível se torna o significante, pois é impossível de ser

plenamente simbolizado (Lacan, 1998/1966). Assim sendo, decorrente ao estudo da Linguística e buscando uma convergência com a Psicanálise, encontramos um espaço onde a informação e a comunicação tornam-se complexa: sincronia, diacronia, metáfora, metonímia, homonímia, significado, significante, dentre outros. Em última análise, os conceitos indicam multiplicidade, historicidade e ambiguidade de sentido. Se, como aponta Arendt, há um imperativo em utilizar-se uma linguagem científica – que diz o que quer dizer – para mediar as relações humanas, sobretudo pelas vias tecnológicas, qual seria a condição da linguagem diante do mundo contemporâneo?

A respeito das estruturas decorrentes da linguagem, formula-se a noção de discurso. Lacan (1992/1991), em seu seminário dezessete, “O avesso da Psicanálise”, conta que o discurso é aquilo que sustenta o laço social e que diz, mesmo sem utilizar as palavras, sobre uma posição que gera uma “pré-interpretação”. Quanto a isso, ele identifica quatro tipos de discursos: do mestre, do universitário, da histérica e o do analista. Além disso, o discurso do capitalista seria uma outra forma que romperia com a lógica dos outros quatro e seria efeito da sociedade contemporânea.

O trabalho de Coelho (2006) busca trazer uma leitura acerca destas formas de discurso. Ela nos traz as mudanças nos termos de cada discurso, mas antes aponta a permanência das posições:

$$\frac{\text{agente}}{\text{verdade}} \quad \begin{array}{c} \longrightarrow \\ \backslash \end{array} \quad \frac{\text{outro}}{\text{produção}}$$

Coelho (2006) detalha que o discurso é mobilizado por um agente que se sustenta em uma verdade e que não pode ser completamente dita. O laço social ocorre mediante a incidência do discurso do agente sobre o campo do Outro. Neste sentido, é o agente quem constitui o outro. A produção seria aquilo que surge em decorrência do

discurso, é um restante interdito ($\backslash$) da verdade, pois esta não pode ser dita em sua integridade.

Quanto aos termos, somos apresentados ao S1 (o significante mestre, mas vazio de significação), S2 (o saber, especificamente, o saber ao qual não se sabe, o inconsciente), \$ (o sujeito dividido, clivado, aquele em plena possibilidade de vir a ser) e ao a (o *objeto a*, perdido, causa de desejo) (Coelho, 2006).

O discurso do mestre ($\frac{S1}{\$} \rightarrow \frac{S2}{a}$) seria a essência do senhor (S1). A sua verdade seria a de que é castrado e o seu laço seria a partir do escravo (S2), detentor de um certo saber e produtor de algo que é desconhecido ao mestre (Coelho, 2006). Este escravo, renuncia o gozo em prol de seu trabalho, libertando-se, pois teme a morte que lhe pode ser causada. Este mestre, no fim das contas, nada deseja saber, uma vez que se diverte com a sua posição e espera um *continuum* do seu estatuto.

O discurso do universitário ($\frac{S2}{S1} \rightarrow \frac{a}{\$}$) é aquele que sustenta o vínculo formado entre o professor (S2) e o a-estudante (Coelho, 2006). O primeiro, constituído pelo saber, detém o significante mestre, vazio de significação e que compele cada vez mais a busca por conhecimento; o segundo, originado pelo desejo do primeiro, produz um sujeito incompleto, que anseia por completar-se a partir do saber.

O discurso da histérica ($\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S1}{S2}$) é causado a partir do Sintoma (\$) que parte da verdade do *objeto a*, ou melhor, precisa ser *objeto a* para ser um objeto de desejo parcialmente inacessível (Coelho, 2006). A demanda da histérica é direcionada a um mestre (S1) para que produza algum saber sobre ela, mas não todo o saber, pois o intuito histérico é governar sobre este mestre. É interessante notar que é o caminho da histérica que propicia uma aproximação à verdade, desde que aquele que vá ao seu encontro não se perca em suas artimanhas. Citando Lacan (1998/1991): “o que conduz

ao saber [...] é o discurso da histérica”. Para isso, a regra máxima é a suspensão da resposta perante a demanda, por mais angustiante que isso seja ao psicanalista.

O discurso do analista ($\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$) é referente a uma estrutura estabelecida onde há o repúdio por qualquer forma de domínio sobre o campo do Outro. Pode-se pensar neste modelo como o contrário ao discurso do mestre (Coelho, 2006). O analista parte do desejo inconsciente (a) para fazer laço com o sujeito dividido, advindo de um saber do inconsciente (ou seja, um não saber) e em uma tentativa de produzir um significante mestre que propicie o indivíduo ser sujeito de si. O intuito final da análise é aproximar S1 de S2.

Por fim, o último contorno estrutural que nos resta é uma alusão apresentada como o discurso do capitalista ($\frac{\$}{S_1} \rightarrow \frac{S_2}{a}$). Esta forma seria referente ao discurso do mestre na época pós-moderna e com o advento do modelo de trabalho capitalista, onde não existem vínculos entre aqueles que dominam e aqueles que são dominados (Coelho, 2006). Senhores e escravos não estão mais unidos por um laço social; capitalistas e proletários não se vinculam.

Considerando os discursos estudados, qual a posição das NTIC para com seus usuários e destes para com aquela? Indubitavelmente, a partir da lógica de mercado corrente, estamos em um mundo cujo detentor do Capital não se incomoda com aqueles que empregam a força de trabalho.

Nesta produção, estamos discorrendo sobre possibilidades existenciais e a exploração da NTIC enquanto evento histórico que gerou uma gama de consequências. Os discursos sustentados pelas novas tecnologias remetem a vários campos, cada qual determinado por como o usuário final se posiciona.

De toda forma, o lugar do mestre é assegurado mediante os seus legionários. Diante das informações presentes aqui, podemos pensar em uma metáfora sobre os *digital influencers* – usuários populares nas redes sociais – e as suas legiões de seguidores. Nesse quesito, em uma sociedade onde não há espaço para o inconsciente e, sobretudo, se encontra ameaçada pela ruptura dos limites, há adoecimento.

A impossibilidade na construção de vínculos com a alteridade devido a uma mediação tecnológica torna o tráfego do discurso emperrado. O padecimento ocorre mediante a fixação em um discurso que promove um indivíduo submisso. Para tal efeito, todas as construções simbólicas de uma sociedade devem estar articuladas de uma forma ou de outra para sustentar este esquema perverso. A cura analítica seria a manutenção artificial de um discurso histérico para ir de encontro ao discurso do analista. No desfecho ideal, o desejo emerge, deixa de ser encoberto e insere o sujeito como protagonista da sua história.

Pois, em suma, podemos pensar no desejo e no inconsciente. O primeiro, em alusão às pulsões, como o propulsor das ações no meio virtual. O segundo, referente àquilo que não se sabe e que é enigmático, infamiliar, ao “não todo” que escapa e goteja pelas defesas do Eu. Apesar de não ser possível generalizar estas abstrações, tratando-se da Psicanálise, não podemos negá-los. A pesquisa é um dos pilares desta ciência e, justamente por isso, há de ter ações neste sentido. Por agora, é possível pensar que o usuário final das NTIC também atua sob o domínio do desejo e do inconsciente quando compartilha, expõe e opina, ou seja, interage no mundo virtual.

Diante toda chance de infortúnio referenciada às NTIC's e pensando no inconsciente, esbarramos em um entrave: a intencionalidade da consciência. Até que ponto os usuários das novas tecnologias são cômicos dos seus atos? Por outro lado, quão legítimo é pressupor que a intenção lhe seja (des)conhecida? Estas respostas

precisam ser desenvolvidas em trabalhos posteriores, mas aqui podemos nos ater como uma fonte de reflexões diante a contemporaneidade.

Retornando à Freud (2010/1930), ao discorrer sobre a condição visceral entre o desenvolvimento tecnológico e a emergência de novas formas de sofrimento, entende-se que a fragilidade humana motiva a transformação da natureza. Ao domar a realidade, há uma tentativa de se proteger contra as especificidades da vida e da morte, além de buscar uma satisfação de desejos onipotentes.

Entretanto, diante novas formas de se viver, sempre surgem novas formas de sofrer. Com o advento da tecnologia, o que antes era relegado à fantasia passa a operar na realidade por meio do trabalho e da ação humana. Reiterando o que foi dito anteriormente, o ser humano passa a ser um “Deus protético” (Freud, 2010/1930) apoiando-se na tecnologia: tudo pode saber, ver e ouvir; o tempo e o espaço podem ser artificialmente transpostos.

Atualmente, pode-se questionar acerca da Nomofobia. Este é um termo cunhado após 2008 e designa a dependência patológica de *smartphones* (Maziero & Oliveira, 2016). Diante do celular – objeto de um sujeito – temos diversas possibilidades de uso e decorrente a isto, sob perspectivas patológicas, somos apresentados a uma categoria clínica que expõe uma das formas de adoecimento no mundo contemporâneo.

A Nomofobia pode ser interpretada para além da dependência do celular. Pela etimologia do nome encontramos uma palavra inglesa do mundo moderno “*no-mobile-phone phobia*”. Ademais, pesquisas na área apontam o medo do indivíduo em ficar incomunicável (Maziero & Oliveira, 2016). Neste caso, a angústia (medo) é em relação à ação de desconectar-se do mundo virtual.

Os sintomas observados na Nomofobia transitam entre o medo, a ansiedade e a angústia, transbordando no sôma: nervosismo, tremores, suor, dentre outros. Talvez não

seja inusitado pensar na semelhança com a sintomatologia do Transtorno de Pânico (outrota pareada com a histeria de angústia), enfermidade médica já reconhecida. A diferença é a presença do celular – objeto – que se torna requisito para uma paz de espírito, uma vez que mesmo nos períodos de sono deve-se ter o *smartphone* por perto (Maziero & Oliveira, 2016).

O interesse médico acerca deste tema reside na classificação de comportamentos normais (aqueles que utilizam a tecnologia para potencializar o desenvolvimento) e dos comportamentos patológicos (aqueles que prejudicam a vida do sujeito em sociedade). Como que a Psicanálise poderia se incumbir para apaziguar o sofrimento dos ditos enfermos?

Ao longo de sua análise acerca da cultura, Freud (2010/1930) escancara que não há felicidade predefinida e que não há um segredo a ser descoberto ou qualquer outra definição sobrenatural acerca da finalidade humana. O ser humano, inaugurado pela fragilidade e pelo desamparo, precisa de um objeto externo a ele: tanto para sobreviver quanto para satisfazer-se, isto é, alcançar a felicidade mediante a liberação de energias represadas. É interessante notar que a felicidade é atrelada a um contraste: para se obter prazer, antemão deve haver um represamento de energia, portanto tolerância à frustração.

3.1 O sintoma enquanto singularidade do sujeito

Como apresentado acima, há de se pensar sobre o ideal de racionalização que a sociedade preconiza: sujeitos e objetos são orientados para a máxima redução de recursos, quanto a isso, com qual finalidade? Freud (2010/1930) dizia que há um culto popular perante a crença de que o objetivo da vida é a felicidade. Sobre este tema, ele faz as suas considerações: a felicidade seria um construto utópico e que se confundiria

com a obtenção de satisfações pulsionais; o ser humano aproveita a fruição de energia, sobretudo pelo contraste, isto é, a alteração de um *quantum* energético de um polo a outro; quando impossível de ser feliz, o ser humano busca, ao mínimo, afastar a tristeza valendo-se do *deslocamento*; e, acima de tudo, a busca por satisfação na vida seria algo individual, pois não há uma receita que sirva para todos.

Se, nos tópicos acima voltamos para a história do desenvolvimento tecnológico, agora devemos nos ater ao desenvolvimento humano.

Em um primeiro momento, vamos buscar entender a função do significante “conexão” e o seu sentido com o desenvolvimento da vida humana. Segundo o dicionário Michaelis (2019), este termo significa o “ato ou efeito de conectar, de ligar ou de unir; ligação, união”, também é “aquilo que conecta, liga ou une”, a “relação lógica entre ideias ou fatos; coerência, nexo”.

Hoje em dia, compreendemos o princípio de que a vida biológica humana surge devido à interação sexual ou tecnológica – por meio de inseminações – de indivíduos distintos. Após a concepção da vida, a sobrevivência do bebê humano e a emergência da unidade do sujeito – seu Eu – advêm de um investimento libidinal feito pelo outro (Freud, 2010/1914).

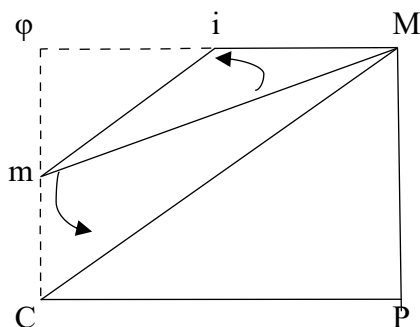
Este investimento reforça um Narcisismo primário/original, mas pouco a pouco se obscurece diante de um Narcisismo secundário (Freud, 2010/1914). Irrevogavelmente, esta base narcísica que uma vez iludiu o bebê para sentir-se como onipotente acompanha o sujeito por toda a sua existência. Paulatinamente, e sob múltiplas influências externas, o sujeito pode vir a mascarar essa forma de narcisismo.

Dessa forma, temos necessidades e desejos humanos angulados por conexões com a alteridade. Sobretudo, conexões que resultem em investimentos narcísicos. A Psicanálise advoga que o bebê iludido crê ser perfeito: onipotente, onisciente e

completo por si mesmo. Somente quando o *infans* é deslocado da sua exclusiva posição enquanto objeto de desejo, sua existência frágil e incompleta se mostra (Freud, 1930/2010). Entretanto, tal sentimento de ilusão não se apaga com o desenvolvimento.

Lacan faz uso da máxima “o desejo é o desejo do Outro” para dar conta da constituição do sujeito a partir de uma relação especular em espelho. O *Ideal do Eu* direciona a libido para o mundo externo, fazendo vínculo identificatório com a alteridade e formando o Eu. O sujeito enxerga-se por um espelho a partir do Real e do Imaginário, mas a sua posição depende do lugar Simbólico que ele ocupa (Brunassi & Lima, 2017). Sempre há um modelo identificatório eletivo e, em decorrência disso, existe a possibilidade de uma Lei para reger este domínio. O *objeto a*, aquela causa do desejo, seria uma intersecção *nonsense* entre o ser/sujeito e o sentido/Outro .

Quanto a Lei simbólica, ela advém na inserção da lei paterna na experiência de realidade. Antes, havia apenas a mãe (M) e a criança (C). A partir da imagem do corpo (i), se estabelece uma imagem recíproca (m) entre o duo, tendo como ângulo virtual o falo imaginário (ϕ). Após sucessivas identificações que possibilitaram vincular os seus significantes, forma-se o pseudo traçado do *Ideal do Eu* (m-C) na criança. O campo aberto na entrelinha do segmento m e C é inaugurado com a inserção do Pai (P), formando uma triangulação (Brunassi & Lima, 2017). Em uma estrutura visual, temos a representação do campo da experiência de realidade (Lacan, 1999/1998 p.234):



O sujeito para a Psicanálise não é qualquer um, mas sim o sujeito do inconsciente, aquele foi dividido, barrado (\$), e encontrou no Simbólico uma forma de dizer de si. Apesar de todo o esforço para dizer de si, tal tentativa é impossível de ser realizada plenamente. Ao utilizar a linguagem, estamos dispondo de uma cadeia de significantes, onde uma palavra leva a outra, indefinidamente mantendo apenas um *fantasma* entre si. Este traço fantasmático nada mais é do que o *objeto a*, perdido, mas acoplado ao sujeito dividido (Brunassi & Lima, 2017). Em matema: $\$ \diamond a$; sujeito dividido punção de *a*.

Apesar de ser impossível abstrair a intenção do desejo de uma forma generalista, Passos (2017), interpretando duas obras de Hannah Arendt (a saber: *A condição humana* e *A conquista do espaço e a estatura humana*), nos mostra que a partir da tecnologia há uma fuga do mundo presente para outro mundo artificial. Dessa forma, estamos falando de um sujeito que se torna estranho em ambos os seus espaços de existência, embora os dois sejam reais. Para isso, observamos:

Assim, o risco inerente dos eventos da Era Moderna, que afastaram o homem do mundo, é fazer com que o pensamento se divorcie da realidade, e não mais seja capaz de significar o mundo circundante, pois a matéria-prima do pensar é a realidade vivida diariamente em ações e palavras de homens em torno de um espaço comum (Passos, 2017, p.42).

Trabalhos como o de Oliveira (2008) ou Araújo (2016) apontam para a urgente necessidade de uma reflexão sobre a tecnologia. Para estes autores deve-se buscar integrar a compreensão destes artefatos produzidos pela tecnologia à vida humana, ou seja, entender a tecnologia para além de apenas um fato histórico. A partir de tal reflexão, os membros da sociedade poderiam vislumbrar as implicações políticas do uso da tecnologia, visando uma emancipação dos sujeitos e combatendo uma dominação da vida via a tecnologia.

No entremeio entre a constituição do sujeito e as NTIC enquanto objetos do mundo contemporâneo, a Psicanálise se depara com o sintoma enquanto um conceito basilar e que se impõe. Antes, o saber institucional ditava o que era verdade e o que devia ser mentira no campo da saúde, entretanto, após o advento da Psicanálise, surge o ato freudiano (Maia, Medeiros, & Fontes, 2012). Isto é, começa a prática da escuta e da busca por um sentido ali, onde para os médicos governavam-se inverdades. Com esse movimento, o sintoma deixa de ser mero fato isolado e passa a ser algo provido de significado.

De acordo com Maia, Medeiros & Fontes (2012), em um primeiro momento da obra de Freud, entende-se o sintoma como uma formação psíquica de um evento concreto e traumático, pois exigiu-se do sujeito um recalque. Em razão dos limites da teoria e das experiências de Freud, formula-se que o acontecimento que desencadeou o trauma pode acontecer apenas na fantasia.

Após a teorização dos sonhos e dos mecanismos de defesa, concebemos o sintoma como uma mensagem criptografada, mas que proporciona uma satisfação recalcada ao sujeito. Uma vez que os sonhos distorcem o desejo para que ocorra a sua realização, o sintoma serve-se do mesmo mecanismo e encobre da consciência o seu sentido satisfatório (Maia, Medeiros, & Fontes, 2012). Neste ponto, já começa a se desenhar o sintoma como uma forma que o sujeito encontra para dar vazão ao seu sofrimento e alcançar uma espécie de satisfação, uma vez que aquilo que é sintomático sempre se articula com a vida da pessoa de alguma forma.

O sintoma passa a ser *nonsense*, ou seja, ausência de sentido. No decurso da Psicanálise, houve a tentativa de recordar o trauma para atribuir sentido ao sintoma. A partir disso, deduz-se que a compulsão pela repetição chegaria ao fim e o sintoma deixaria de existir (Maia, Medeiros, & Fontes, 2012). A dificuldade encontrada na

análise reside no fato de que a satisfação imbricada no sintoma possui tamanha magnitude que ele não se dissolve.

A partir do momento em que há uma compreensão acerca do sintoma como substituto do recalcado, Freud se depara com a fragilidade da Psicanálise (Maia, Medeiros, & Fontes, 2012). Ora, o sujeito busca a cura, mas não dispõe de possibilidades de satisfação pulsional e o sintoma cumpre uma função perpétua de gratificação substitutiva. Posto isso, como alcançar algum grau de alívio?

Continuando o trabalho de Maia, Medeiros & Fontes (2012), encontramos a concepção lacaniana do sintoma, tido como o significante de um significado recalcado, isto é, o sintoma como uma derivação da ordem simbólica, formada pela linguagem. No decorrer da teoria de Lacan, o sintoma é exposto como aquilo que traz a verdade recalcada do sujeito. E, se caso exista a disposição pelo diálogo e o paciente põe-se a falar, o sintoma pode ser recriado, transformado e entendido como uma marca intrínseca de um ser faltante. Entretanto, além da necessidade de uma disposição para a fala, mantém-se um sintoma como uma possibilidade que o sujeito tem em existir no seu meio.

O sintoma, significante mórbido e aprisionante do sujeito, passar a ser concebido como potência. A partir disso, temos o *sintoma* como uma amarra entre o Real, Simbólico e o Imaginário. O intuito psicanalítico reside em levar o sujeito a abandonar a sua sujeição e usar o seu sintoma para ressignificar a falha do nó borromeano (Maia, Medeiros, & Fontes, 2012). Em outras palavras, como anuncia o título deste tópico, a análise pode vir a elevar o sintoma àquilo que é a singularidade e potência do ser.

Neste trabalho estamos tratando a *Internet* (e, por sua vez, as NTIC's) como um sintoma contemporâneo. Não se trata de um objeto maligno, nunca se tratou, mas, antes, discorre-se sobre os destinos das pulsões humanas. A implicação deste trabalho é

referente a submissão de um sujeito ao seu inconsciente e a toda a sua destrutividade. Em meio ao caos, o sujeito termina por destruir a si e ao outro, ferindo o pacto social. Mas, aqui, acima de tudo, entende-se que o sofrimento pode ser transformado em excelência.

3.1 As pulsões e a diversidade no uso das NTIC

Após todas as considerações feitas, propomos pensar acerca das pulsões. Antes, prosseguiremos discutindo acerca da origem militar das NTIC. Para isso, como apresentado anteriormente, observamos que o impulso desenvolvimentista da tecnologia informática ocorreu perante o horror da guerra e em decorrência de ameaças de aniquilação. A *Internet* surge com um uso militar, visando suprir as limitações humanas de espaço e tempo, sobretudo diante da necessidade vital de se estabelecerem comunicações entre dois polos distantes.

Quanto a isso, Freud (2010/1930) afirma categoricamente que o desamparo diante das incertezas do mundo fez com que os seres humanos encontrem formas de se proteger, forjando instrumentos e declarando a soberania da vida em sociedade. Inclusive, os indivíduos almejavam tornarem-se “deuses protéticos” a partir de ferramentas baseadas em ideais culturais e fantasias de onipotência e onipresença.

Ao destrinchar a cultura, Freud (2010/1930), mesmo reconhecendo a sua imaterialidade, lhe descreve como se fosse um Leviatã. Ora é cevadora, pois fornece ao ser elementos simbólicos para tornar-se sujeito, igualmente, sendo também requisitada para dar conta de um excesso pulsional. Em contrapartida, sendo ora ceifadora, à vista das contingências presentes no mundo, que fazem com que a cultura possa vir a se mostrar contundentemente castradora.

Para ilustrar melhor tal assunção, busquemos na história a seguinte evidência. Dentre diversos personagens que contribuíram para o desenvolvimento da tecnologia computacional, citamos Alan Turing. Ele adquiriu o *status* de inventor do computador, sendo celebrado por ter desvendado o código nazista e contribuído para a vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial. Entretanto, Turing foi condenado por homossexualismo, onde teve como pena a sua castração química (Miskolci, 2016). Suicidou-se em 1954. A realeza britânica concedeu o perdão real para Alan Turing em 2013. No ano de 2014 foi lançado um filme baseado na vida de Turing, batizado de “*The Imitation Game*”.

Na exemplificação acima, fica claro o caráter egrégio da cultura. A civilização do Reino Unido encontrou vitória – sobreviveu – a partir das contribuições de um sujeito, entretanto, este mesmo sujeito ao violar a Lei de sua época, foi concretamente castrado. Seis décadas depois, há um movimento corporativo que lucra com a sua fatídica história.

O intuito destas exposições é demonstrar a inexorável articulação entre aquilo que é tido como singular em um sujeito e a contundente força da cultura. Ambos são formados e transformados mutuamente e, por conseguinte, pretende-se aqui integrar as ações e produções humanas com os vários eventos da história que à primeira vista aparecem coincidentes entre si.

Freud (2016/1905), ao falar das fases do desenvolvimento psicosssexual em seus “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, encontra um apoio para descrever a relação existente entre o florescimento da sexualidade e as diversas funções do corpo. A partir disso, pode-se entender que as diversas formas de expressão da sexualidade nascem ancoradas a uma necessidade de autoconservação, apoiando-se no corpo para

encontrar um caminho para se manifestar. Por esta lógica, haveria um apoio biológico (natural) no desenvolvimento sexual.

Entretanto, o campo biológico não se mostra como exclusivo para a satisfação sexual. Santos & Fortes (2013), apontam que a sexualidade se realiza por meio das pulsões e buscaram estruturar a teorização da sexualidade em Freud e Lacan. Enquanto em Freud encontramos uma pulsão imbricada nas funções vitais, para Lacan a satisfação pulsional ocorre independente das zonas erógenas do corpo, estruturando a parcialidade das pulsões e postulando que o único objetivo das pulsões é o seu retorno em um circuito.

A perspectiva de apoio serve como analogia para pensar a constituição do sujeito frente à tecnologia informática. Uma vez criada para a milícia (Miskolci, 2016), transformou-se ao ponto de ser possibilidade existencial para os sujeitos contemporâneos (Maciel Júnior & Henrique da Costa, 2016). Ora elencada como medidor de desenvolvimento social e difusor de conhecimento (Matsuura, 2005), ora apontado como fundação de patologias (Maziero & Oliveira, 2016). Se, como dito anteriormente, as NTIC são consideradas como veículos de desenvolvimento humano, encontramos um espaço para interrogar como as subjetividades e as formas de sexualidade humana encontrariam expressão apoiadas na necessidade atual do uso da tecnologia.

O artigo de Beleli (2017) é interessante por pesquisar as manifestações atuais da intimidade via as mídias digitais e em aplicativos de relacionamento. O relato de seu trabalho aponta para a construção de um discurso de si e uma autoimagem que estão pautados em interesses de classe, transformando o indivíduo em uma mercadoria a partir dos seus bens materiais. É interessante notar que isto é uma via de mão dupla, ou

seja, os indivíduos se reduzem aos seus objetos, e estes últimos, dizem pela aparência quem são os seus proprietários.

Por exemplo, se uma pessoa fotografa uma *selfie* – autorretrato digital – rodeada por seus objetos e divulga pela *Internet*, então as representações sociais destes objetos ditam o seu valor enquanto mercadoria e sumarizam toda a existência do sujeito. Outra amostra real encontrada na pesquisa de Beleli (2017) contempla a nossa ilustração: em um aplicativo de encontros, o *Tinder*, uma das mulheres se depara com um homem bonito e que julga interessante, mas ele está postado ao lado de uma moto que a faz imaginar que ele é um “entregador de *pizza*”. Imediatamente, esta mulher rejeita este homem.

Os exemplos acima permitem diversas interpretações, mas o nosso objetivo nos impele para demonstrar o quanto a *Internet* também pode ser um ambiente que segrega e subjuga o outro. Na falácia em sentir-se completo a partir de uma outra pessoa – compartilhar a intimidade – somos apresentados aos conflitos e interesses de classe do sistema social vigente. Onde, em uma arquitetura perversa, ignora toda e qualquer possibilidade humana em prol de um determinado *status* do Imaginário.

O tom que este trabalho tomou é perceptível: alterna-se entre a potência no desenvolvimento tecnológico e a reminiscência de tragédias humanas. Freud (2010/1930) nos questiona “[...] enfim, de que nos vale uma vida mais longa, se ela for penosa, pobre em alegrias e tão plena de dores que só poderemos saudar a morte como uma redenção?”. Entretanto, antes de formular tal pergunta, ambivalentemente, Freud aponta o quanto o avanço tecnológico pode ser erroneamente desprezado em alguns meios. De fato, apesar dos pesares, existem diversos contrapontos que revelam o magistral encanto das NTIC.

Miskolci & Balieiro (2018) nos contam acerca da Sociologia Digital. Esse termo diz respeito a um campo que está em desenvolvimento no Brasil e já se consolidou em alguns outros países, pois apresentam as comunicações em rede como fonte de pesquisa, passíveis de teorização. Por sua vez, Patarroyo (2018) aponta o quanto as NTIC podem ser benéficas para a Educação, desde que todos os envolvidos tenham consciência do seu uso. Este autor prossegue falando do quanto estas redes digitais podem ser democráticas, uma vez que permitem o acesso à informação independente da demografia de quem a utiliza.

A respeito dos vínculos com a alteridade, a partir de aplicativos digitais, temos novas manifestações da sexualidade: gêneros, práticas sexuais, estereótipos, estéticas, estigmas e moralidades. O virtual passa a ser frutífero em sociabilidade, sobretudo como um lugar para expor a identidade que o sujeito tem de si e encontrar semelhantes, ou seja, é um terreno profícuo ao desejo (Vasconcelos, Vieira, & Cal, 2017; Vieira & Santos, 2016). Entretanto, isso não isenta tais aplicativos de infundirem um profundo mal-estar em seus usuários, principalmente aqueles que se aproximam demais daquilo que os falta ou o seu invés, escancarando a natureza furada do sujeito.

Enquanto espaço existencial, a *Internet* oferece a possibilidade de se administrar (criar, escrever, publicar e etc.) *blogs* como uma forma de manter registros digitais sobre o que o sujeito desejar. Estes espaços podem ser configurados como um campo de expressão e utilizados como ferramenta para o trabalho em Saúde Mental (Bittencourt, Francisco, & Mercado, 2013).

Dentre diversos outros exemplos possíveis, por fim, vamos citar o ciberativismo. Este fenômeno é referente a uma das formas de atuação dos movimentos sociais na contemporaneidade a qual estabelece uma continuidade com as formas tradicionais de resistência cultural. O ciberativismo se mostra competente no meio atual, pois parte da

possibilidade de integrar sujeitos distantes entre si e de forma interdisciplinar, produzindo “novas” subjetividades e pensamentos políticos (Alcântara, 2015).

Uma forma de resumir os diversos usos das NTIC's – inclusive aqueles que não foram citados neste trabalho – é recordar a teoria das pulsões para a Psicanálise. Em um questionamento sucinto, as novas tecnologias são apenas objetos, isto é, são recipientes elegíveis como alvos da pulsão. Freud (2010/1915) diz que a pulsão é um conceito que se encontra no limite entre o plano psíquico e o somático, ou seja, entre as representações mentais e o corpo vivo. Quanto aos meios da pulsão, declara-se a função do *objeto*: ser aquilo que pode ser deslocado, variável; é o que torna possível a satisfação; e, em caso de entraves na fruição da vida, torna-se *fixo*.

4 CONCLUSÃO

Articulando a história da humanidade com as diversas concepções de uso das NTIC, é imprescindível esclarecer que não se objetivou neste estudo o desdenho pelas novas tecnologias. Como Freud (2010/1930) elenca, o sofrimento é intrínseco a vida; com ou sem um *smartphone*. Portanto, pode ser excruciante pensar no fato de que independente do julgamento de valor sobre os fenômenos da cultura, o sujeito só emerge a partir deste Outro. Entretanto, pode trazer alívio pensar que todo sintoma resguarda a potência do sujeito em suas vísceras, desde que a cultura disponha essa possibilidade aos seus membros.

O *infans* se torna humano a partir dos significantes que lhe são dispostos. Assim, funda os seus ideais partindo dos objetos que o cerca, sendo amarrado em seu nó pela Lei do Pai e por seu sintoma. As NTIC seriam apenas mais um objeto, caso o valor e a potência atribuído a estes elementos não se sobressaísse. Nesse sentido, desnuda-se a

vivência de uma época específica, marcada pelo desenfreado desenvolvimento tecnológico que é causador de um encanto deveras curioso sobre a humanidade.

As gerações que irão habitar este planeta já vão se encontrar em um mundo cravado pelas novas tecnologias. As manifestações subjetivas emergem perpassadas pelos fragmentos da realidade: aquele que cuida e o Outro que castra constitui o desejo em uma relação especulativa; a corporeidade é desenvolvida a partir do espelhamento, abstraindo e diferenciando os objetos do mundo; e, “naturalmente”, as tecnologias são integradas como parte da vida. Os sujeitos passam a ser usuários das NTIC, sendo reduzidos aos objetos que o cercam e expõem nestas redes de comunicação.

Os simuladores da atualidade perpetuam um hiper-real, acelerado e vertiginoso, ao qual não há escapatória. Os sujeitos passam a referenciar a si mesmos como modelos operacionais, binários, transformados em signos vazios de significado, imediatamente manipulados e deslocados do imaginário. A existência passa a ser condicionada a um modo de existir virtual, desprendido da realidade, onde o sujeito somente é aquilo que aparenta e idealiza ser e, concretamente, apresenta ter. Sobretudo, deve-se entender que o sujeito passa a desejar tal modo de ser, pois lhe traz satisfação e pertencimento.

Ao longo deste trabalho foi abordado o passado, o presente e as promessas futuras das novas tecnologias em sua historicidade, buscando integrar “o médico e o monstro”. Neste esquema, propõe-se que “criador e criatura” fiquem face-a-face, por mais sórdidos que tenham sido os seus atos. A avalanche de *fake news* e a fobia diante a ausência do celular são adventos da contemporaneidade, derivadas do desenvolvimento das NTIC. Mas, para tanto, exige-se a presença de atores para protagonizar e gozar destas ações. Gozo mortífero, uma vez que fura os acordos sociais e leva todos a um estado de entropia.

A partir do reconhecimento dessas especificidades, *talvez*, sejam dispostas alternativas de *enfrentamento* para o desamparo humano em relação ao mundo que o cerca. Acerca desse significante, “enfrentamento”, podemos recorrer a um dicionário clássico para buscar o seu significado. Segundo o “Novo dicionário da língua portuguesa” (Figueiredo, 1913), “enfrentar” significa não somente *atacar*, mas *encarar*, *estar de frente*. Neste trabalho, por exemplo, o enfrentamento é referente à possibilidade de estar de frente à tecnologia sem ficar à mercê dela. Portanto, quais os meios que os cidadãos dispõem para encarar a realidade que o cercam?

É óbvio elencar o microcosmo responsável pela constituição do sujeito, mas essa posição não se sustenta e se estende a todos, principalmente, a partir das diversas variáveis encontradas nos grupos familiares. É igualmente plausível enunciar o trabalho de análise como um meio para a emancipação do sujeito perante aquilo que lhe causa estranheza. Mas, novamente, isso talvez não seja uma possibilidade e um desejo de todos. Como já foi dito, a cultura e as instituições enlaçam o sujeito e propiciam referências simbólicas para dar contorno a sua existência. Portanto, deve-se requisitar da cultura uma solução satisfatória.

O meio político possui alcance sobre todos os membros de uma nação, tornando viável a produção de novos sentidos. Para isso, deve haver uma sincronia entre o governo e ao interesse de sua população, ou seja, o sistema político não pode ser pautado pelos interesses do Capital. A partir disso, pode-se pensar na alienação do proletariado, que emprega toda a sua força-de-trabalho e exaure-se de toda a vida e energia que poderiam ter para serem capazes de transformar a realidade. Como já foi apresentado, o mecanismo perverso não se encontra somente no sujeito, mas em uma sociedade adoecida.

Os significantes dispostos pelos sujeitos são atrelados à cultura. Sequeira (2009) conta sobre o quanto é comum o desejo dos jovens neuróticos em conflito com a lei: insígnias. Não se trata de objetos em si, por exemplo, um tênis qualquer, mas sim, um sapato amarrado a um brasão. O símbolo de uma marca se torna valioso a ponto de merecer a transgressão da lei e a ameaça de encarceramento da liberdade. *Talvez*, especulamos aqui com base no que já foi apresentado, a existência na atualidade só seja possível a partir destes emblemas. Este estatuto de depleção simbólica foi apresentado como uma característica da modernidade: o Estado perverte-se, a Lei evanesce, as instituições caem em descrédito e o sujeito fica à míngua, desamparado, sem referências. A *cibercultura* emerge como um modelo acessível, produtor de sentidos e formador de laços.

Entretanto, a produção de novos sentidos também advém da ciência. Não como instituição detentora da verdade, ou seja, autoridade máxima que dita o rumo da vida, mas como aquela que fornece alternativas e meios para o desenvolvimento de um pensamento crítico e emancipador.

Todavia, como possibilitar o acesso à ciência? Pouco adianta a produção de imensos tomos de conhecimento se o acesso a estes é bloqueado ou dificultado. Se faz necessário pensar em métodos onde a produção científica consiga se articular entre si e atingir a população.

Encontramos neste trabalho a problemática das *fake news*. Nesse sentido, somos apresentados a uma cruel percepção: a informação não tem compromisso com a verdade. Aliás, a própria verdade só advém do Real. Portanto, se faz necessário pensar em como os sujeitos do mundo atual compreendem a tolerância. Tanto para com o outro quanto para consigo mesmo, devido aos ideais dispostos nas NTIC e que podem não ser alcançáveis por todos. Pois, afinal de contas, se trata de tolerar a realidade, a castração,

o desconhecido ou aquilo que é aversivo, sem que isso faça com que o sujeito seja regido por sua destrutividade ou submerso em seu desamparo.

Quanto ao que foi relatado, qual seria o lugar da Psicanálise? Certamente, a função do analista não é pedagógica, não se trata desse tipo de discurso. *Talvez*, a parcela da Psicanálise reside naquilo que lhe é mais peculiar: o estudo do inconsciente e das pulsões. O inconsciente se mostra em todas as produções humanas, desde que haja um interlocutor para interpretá-lo. Por sua vez, as pulsões tomam como vetores os objetos os quais o sujeito dispõe. Nesse sentido, ademais, podemos pensar que cada época possui os seus totens e os seus tabus. A Psicanálise pode se atrever a tomar como objeto de estudo aquilo que é tido como sacro em seu tempo.

Entender e propiciar o Outro a compreender aquilo que lhe é estranho pode ser um caminho a se seguir. Tomar as pulsões como os propulsores da vida psíquica e a escolha dos objetos como contingentes as possibilidades mundanas é outra forma de organização. Está aí uma possibilidade em suportar o sofrimento: os vínculos humanos.

O mal-estar não é referente a apenas um aspecto do mundo, mas é um resíduo articulado entre os diversos campos da vida. A singularidade do mundo contemporâneo, mediado pela tecnologia virtual, é a impossibilidade de uma satisfação plena decorrente do uso das NTIC. Há, sem sombra de dúvida, júbilo em fazer uso das novas tecnologias, mas isto demanda um recalque intermitente do sujeito.

Ao priorizar o mundo digital, existe uma alienação do mundo e dos vínculos terrenos, além da possibilidade – que logo se torna tentação – de estar virtualmente em todos os lugares, ver e saber de tudo. Ao mesmo tempo, o sujeito dispõe de informações acerca do malgrado causado pela tecnologia, mas não sabe o que fazer com isso. As informações podem se tornar ideológicas ao ignorar as hiências em seu discurso: a

tecnologia é imprescindível à humanidade, mas as necessidades e as condições para a vida são dispostas pela cultura.

Nessa trama, os sujeitos não são passivos. São protagonistas, mesmo quando aparentam não ser. Por meio das pulsões, tanto aquelas relativas à vida quanto aquelas relativas à morte, advindas do corpo vivo, há uma atuação sobre o meio ao qual buscam formas de alcançar a sua satisfação. As NTIC permitem isso com facilidade, devido a sua praticidade de uso, mas as vias dispostas podem não ir ao encontro dos ideais individuais ou atender as expectativas de sublimação que são impostas; aliás, podem ser contundentes a estabelecer modelos de ser que são impossíveis para determinados sujeitos.

Talvez, a partir da celeridade nas NTIC em desmontar barreiras físicas, a civilização tenha se esquecido dos limites humanos. Nesse sentido, a economia psíquica não teria encontrado outra saída, senão o mal-estar como um sinal de que algo não está bem.

REFERÊNCIAS

- Alcântara, L. M. (2015). Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, V.8, n.23, pp. 73-97. Fonte: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/22474>
- André, S. (1995). *A Impostura Perversa*. (V. Ribeiro, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Araújo, R. F. (2016). DO PENSAMENTO TECNOLÓGICO À TECNOLOGIA COMO CIÊNCIA DA TÉCNICA: por uma epistemologia das tecnologias. *Informação & Sociedade: Estudos*, v.26, n.3, pp. 67-80. Fonte: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/30809>
- Arendt, H. (2007). *A CONDIÇÃO HUMANA* (10ª ed.). (R. Raposo, Trad.) Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Arendt, H. (2012/1951). *Origens do Totalitarismo*. (R. Raposo, Trad.) São Paulo: Companhia de Bolso.
- Baudrillard, J. (1991/1981). *Simulacros e Simulação*. (M. J. Pereira, Trad.) Lisboa: Relógio D'Água.
- BBC. (21 de Julho de 2018a). *WhatsApp limita mensagens na Índia após notícias falsas levarem a linchamentos*. Acesso em 1 de Março de 2019, disponível em Site da BBC News: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-44897990>
- BBC. (14 de Novembro de 2018b). *Como as 'fake news' no WhatsApp levaram um povoado a linchar e queimar dois homens inocentes*. Acesso em 1 de Março de 2019, disponível em Site da BBC News: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-46206104>
- Beleli, I. (2017). Reconfigurações da intimidade. *Estudos Feministas*, Vol. 25, No. 1, pp. 337-346. Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000100337
- Bittencourt, I. G., Francisco, D. J., & Mercado, L. P. (2013). Autoria em Blog por Pessoas em Sofrimento Psíquico: Aprendizagem Compartilhada, Reconhecimento e Promoção da Saúde Mental. *PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO*, 33 (4), pp. 988-999. Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-99832013000400016&script=sci_abstract&tlng=pt

- BRASIL. (14 de Agosto de 2018). *LEI Nº 13.709, DE 14 DE AGOSTO DE 2018*. Acesso em 1 de Março de 2019, disponível em Portal oficial da Presidência da República do Brasil: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13709.htm#art60
- Britto, V. M., & Lomonaco, J. F. (1983). Expectativa do professor: implicações psicológicas e sociais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 3(2), pp. 59-79. Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931983000100005
- Brunassi, T. R., & Lima, M. M. (2017). A formulação da realidade do Sujeito em Lacan. *Leitura Flutuante - Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise*, pp. 33-48. Fonte: <https://revistas.pucsp.br/leituraflutuante/article/view/36296>
- Cabero, J. (1996). NUEVAS TECNOLOGIAS, COMUNICACION Y EDUCACION. *EDUTEC - Revista Electronica de Tecnologia Educativa*, Núm. 1. Fonte: <http://www.edutec.es/revista/index.php/edutec-e/article/view/576>
- Capanema, C. A., & Vorcaro, Â. M. (2017). A CONDIÇÃO DO SER FALANTE NO NÓ BORROMEANO. *Estilos Clínicos*, v. 22, n. 2. Fonte: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282017000200011
- Carta Capital. (19 de Outubro de 2018). *As pistas do método 'Cambridge Analytica' na campanha de Bolsonaro*. Acesso em 1 de Março de 2019, disponível em Site da Carta Capital: <https://www.cartacapital.com.br/politica/as-pistas-do-metodo-201ccambridge-analytica201d-na-campanha-de-bolsonaro/>
- Carta Capital. (12 de Março de 2019). *Comportamento de Bolsonaro na internet ajuda fábrica de fake news*. Acesso em 1 de Abril de 2019, disponível em Site da Carta Capital: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/comportamento-de-bolsonaro-na-internet-ajuda-fabrica-de-fake-news/>
- Coelho, C. M. (2006). Psicanálise e laço social - uma leitura do Seminário 17. *Mental*, N. 6, pp. 107-121. Fonte: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000100009
- Columbus, C. (Diretor). (1999). *Bicentennial Man* [Filme Cinematográfico].

- Coutinho, A. R. (2017). FORÇA DA LEI E O PROJETO DE DECLÍNIO DA ORDEM SIMBÓLICA. *Revista de Direitos e Garantias Fundamentais*, v. 18, n. 1. Fonte: <http://sisbib.emnuvens.com.br/direitosegarantias/article/view/859>
- Damaceno, S. S., & Vasconcelos, R. O. (2018). INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE SEU CONCEITO REAL E O CONHECIMENTO POPULAR. *Cadernos de Graduação - Ciências exatas e tecnológicas*, pp. 11-16. Fonte: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/cadernoexatas/article/view/5729>
- Delmazo, C., & Valente, J. C. (2018). FAKE NEWS NAS REDES SOCIAIS ONLINE: PROPAGAÇÃO E REAÇÕES À DESINFORMAÇÃO EM BUSCA DE CLIQUES. *Media & Jornalismo*, N°. 32, Vol. 18, N°. 1, 155-169. Fonte: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2183-54622018000100012&lng=pt&nrm=iso
- Drawin, C., & Moreira, J. (2018). A Verleugnung em Freud: análise textual e considerações hermenêuticas. *Psicologia USP, Volume 29, número 1*, pp. 87-95. Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642018000100087
- El País. (13 de Outubro de 2018). *Bolsonaro mente ao dizer que Haddad criou 'kit gay'*. Acesso em 1 de Abril de 2019, disponível em Site do Jornal El País: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/politica/1539356381_052616.html?rel=mas
- Estadão. (10 de Março de 2019). *Bolsonaro usa declaração falsa para atacar imprensa*. Acesso em 1 de Abril de 2019, disponível em Site do Jornal Estadão: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-usa-declaracao-falsa-para-atacar-imprensa,70002750456>
- Exame. (22 de Março de 2019). *Bolsonaro: Maioria de críticas contra mim são fake news, algumas até mereço*. Acesso em 1 de Abril de 2019, disponível em Site do Exame: <https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaromaioria-de-criticas-contra-mim-sao-fake-news-algumas-ate-mereco/>
- Faria, F. C., Araújo, J. S., & Jorge, M. F. (2015). CAIU NA REDE É PORN: PORNOGRAFIA DE VINGANÇA, VIOLÊNCIA DE GÊNERO E EXPOSIÇÃO DA “INTIMIDADE”. *Contemporânea - Revista de Comunicação*

e Cultura, v.13, n.03, pp. 659-677. Fonte:

<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/13999>

Figueiredo, C. d. (1913). *Novo dicionário da língua portuguesa*.

Fleck, L., Tavares, M. H., Eyng, E., Helmann, A. C., & Andrade, M. A. (2016). REDES NEURAIS ARTIFICIAIS: PRINCÍPIOS BÁSICOS. *Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia*, v. 1, n. 13, pp. 47-57. Fonte: <https://revistas.utfpr.edu.br/recit/article/view/4330>

Freud, S. (2010). INTRODUÇÃO AO NARCISISMO (1914). Em S. Freud, *OBRAS COMPLETAS VOLUME 12 - INTRODUÇÃO AO NARCISISMO, ENSAIOS DE METAPSICOLOGIA E OUTROS TEXTOS (1914-1916)* (P. C. Souza, Trad., pp. 9-37). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (2010). O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO (1930). Em S. Freud, *OBRAS COMPLETAS VOLUME 18 - O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO, NOVAS CONFERÊNCIAS INTRODUTÓRIAS À PSICANÁLISE E OUTROS TEXTOS (1930-1936)* (P. C. Souza, Trad., pp. 9-89). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (2010). OS INSTINTOS E SEUS DESTINOS (1915). Em S. Freud, *OBRAS COMPLETAS VOLUME 12 - INTRODUÇÃO AO NARCISISMO, ENSAIOS DE METAPSICOLOGIA E OUTROS TEXTOS (1914-1916)* (P. C. Souza, Trad., pp. 38-60). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (2011). PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EU (1921). Em S. Freud, *OBRAS COMPLETAS VOLUME 15 - PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EU E OUTROS TEXTOS (1920-1923)* (P. C. Souza, Trad., pp. 9-100). Companhia das Letras.

Freud, S. (2016). TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE (1905). Em S. Freud, *OBRAS COMPLETAS VOLUME 6 - TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE, ANÁLISE FRAGMENTÁRIA DE UMA HISTÉRIA ("O CASO DORA") E OUTROS TEXTOS (1901-1905)* (P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

G1. (27 de Julho de 2010). *G1 - Anatel determina o fim de venda casada da banda larga*. Acesso em 1 de Março de 2019, disponível em Site do G1 - Portal de Notícias: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2010/07/anatel-determina-o-fim-de-venda-casada-da-banda-larga.html>

- G1. (14 de Julho de 2015). *G1 - Algar Telecom é multada por venda casada em Uberlândia*. Acesso em 1 de Março de 2019, disponível em Site do G1 - Portal de Notícias: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2015/07/algar-telecom-e-multada-por-venda-casada-em-uberlandia.html>
- G1. (4 de Abril de 2018a). *Facebook eleva para 87 milhões o nº de usuários que tiveram dados explorados pela Cambridge Analytica*. Acesso em 3 de Março de 2019, disponível em Site do G1 - Portal de Notícias: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/facebook-eleva-para-87-milhoes-o-n-de-usuarios-que-tiveram-dados-explorados-pela-cambridge-analytica.ghtml>
- G1. (23 de Abril de 2018b). *App de bate-papo Simsimi é suspenso no Brasil após 'aprender' respostas impróprias*. Acesso em 1 de Março de 2019, disponível em Site do G1 - Portal de Notícias: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/app-de-bate-papo-simsimi-e-suspenso-no-brasil-apos-aprender-respostas-improprias.ghtml>
- Hamelink, C. J. (Junho de 1997). NEW INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES, SOCIAL DEVELOPMENT AND CULTURAL CHANGE. *United Nations Research Institute for Social Development (UNRISD) Discussion Papers*, No. 86. Fonte: <http://www.unrisd.org/unrisd/website/document.nsf/0/398D6A861127084780256B640051A497>
- IstoÉ. (10 de Agosto de 2018). *Bolsonaro, o candidato fake*. Acesso em 1 de Abril de 2019, disponível em <https://istoe.com.br/bolsonaro-o-candidato-fake/>
- Izquierdo, Y. J. (2009). Concepciones en torno a las NTIC. *Cinzontle*, Num. 3, pp. 19-22. Fonte: revistas.ujat.mx/index.php/Cinzontle/article/view/2224
- Jonze, S. (Diretor). (2013). *Her* [Filme Cinematográfico].
- Lacan, J. (1993). *Televisão*. (A. Quinet, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1974)
- Lacan, J. (1997). *O SEMINÁRIO - Livro 3 - As psicoses*. (A. Menezes, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1981)

- Lacan, J. (1999). A lógica da castração. Em J. Lacan, *O SEMINÁRIO - Livro 5 - As formações do inconsciente* (V. Ribeiro, Trad., p. 234). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1998)
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. (V. Ribeiro, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1966)
- Lacan, J. (1992). *O SEMINÁRIO - Livro 17 - O avesso da Psicanálise*. (A. Roitman, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1991)
- Lima, N. L., Moreira, J. d., Stengel, M., & Maia, L. M. (2016). As redes sociais virtuais e a dinâmica da internet. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, V. 9 (1), pp. 90-109. Fonte: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1983-82202016000100008
- Lira, M. N., & Miranda, A. L. (2016). TECNOLOGIA COMO (RE) PRODUÇÃO DO CAPITAL: UM OLHAR A PARTIR DA PERSPECTIVA DE KARL MARX. *ESOCITE 2016 - XI Jornada Latino-Americanas de Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia*. Fonte: http://www.esocite2016.esocite.net/resources/anais/6/1471930585_ARQUIVO_ARTIGO-ESOCITE-VERSAOFINAL.pdf
- Lucero, A., & Vorcaro, Â. (2013). Do vazio ao objeto: das Ding e a sublimação em Jacques Lacan. *Ágora*, v. XVI, pp. 25-39. Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982013000300003
- Maciel Júnior, G. C., & Henrique da Costa, M. (2016). O MODO DE SER-NO-MUNDO VIRTUAL: O DASEIN E O FACEBOOK. *Polêm!ca*, v. 16, n.1. Fonte: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/21338>
- Matsuura, K. (2005). Prefácio. Em I. C. Organización de las Naciones Unidas para la Educación, *Hacia las sociedades del conocimiento* (pp. 5-6). Paris: Ediciones UNESCO.
- Maziero, M. B., & Oliveira, L. A. (2016). NOMOFOBIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. *Unoesc & Ciência*, V. 8, n. 1, pp. 73-80.
- Michaelis - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. (01 de Março de 2019). *Conexão | Michaelis Online*. Fonte: Site do Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=wkZd>

- Miskolci, R. (2016). Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. *Contemporânea*, V. 6, n. 2, pp. 275-297. Fonte: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/525>
- Miskolci, R., & Balieiro, F. d. (2018). Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. *Revista Brasileira de Sociologia*, Vol. 06, No. 12, pp. 132-156. Fonte: www.sbsociologia.com.br/revista/index.php/RBS/article/view/237
- O Globo. (13 de Abril de 2016). *O Globo - MPF quer que proibição de venda casada da OI se estenda a contratos em vigor*. Acesso em 1 de Março de 2019, disponível em Site de O Globo - Portal de Notícias: <https://oglobo.globo.com/economia/defesa-do-consumidor/mpf-quer-que-proibicao-de-venda-casada-da-oi-se-estenda-contratos-em-vigor-19075668>
- O Globo. (23 de Junho de 2018a). *O Globo - Indesejado, telefone fixo vira imposição de empresas*. Acesso em 1 de Março de 2019, disponível em O Globo - Portal de Notícias: <https://oglobo.globo.com/economia/defesa-do-consumidor/indesejado-telefone-fixo-vira-imposicao-de-empresas-22814882>
- O Globo. (26 de Novembro de 2018b). *Steve Bannon, ex-assessor de Trump ligado à extrema direita, declara apoio a Bolsonaro*. Acesso em 1 de Março de 2019, disponível em O Globo - Portal de Notícias: <https://oglobo.globo.com/brasil/steve-bannon-ex-assessor-de-trump-ligado-extrema-direita-declara-apoio-bolsonaro-23187643>
- Oliveira, A. A., Resstel, C. C., & Justo, J. S. (2014). Desamparo Psíquico Na Contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, pp. 21-32. Fonte: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v13n1/a03.pdf>
- Oliveira, E. A. (2008). A TÉCNICA, A TÉCHNE E A TECNOLOGIA. *Itinerarius Reflectionis*, V. 4, n. 2. Fonte: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/20417>
- Pantaleão, N. C. (2010). Máquinas e sociedade: uma abordagem ética acerca do artificial. *Filogênese*, Vol. 3, nº 1, pp. 25-33. Fonte: [http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE//NathaliaPantaleao\(25-33\).pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE//NathaliaPantaleao(25-33).pdf)
- Passos, F. A. (2017). TECNOLOGIA E ALIENAÇÃO DO MUNDO EM HANNAH ARENDT. *Pensando - Revista de Filosofia*, Vol. 8, Nº 15, pp. 31-44. Fonte: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/5761>

- Patarroyo, J. D. (2018). Los docentes, los estudiantes y las NTIC: una nueva visión del uso de las tecnologías en el aula de clases. *ENTORNOS, Vol. 31, No. 1*, pp. 231-236. Fonte: <https://journalusco.edu.co/index.php/entornos/article/view/1791>
- Santos, B. P., Silva, L. A., Celes, C. S., Neto, J. B., Peres, B. S., Vieira, M. A., . . . Loureiro, A. A. (2016). Internet das Coisas: da Teoria à Prática. Em L. C. organizado por Frank Augusto Siqueira, *Livro de Minicursos SBRC 2016* (pp. 1-50). Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação (SBC). Fonte: www.sbrc2016.ufba.br/downloads/anais/MinicursosSBRC2016.pdf
- Santos, B. R., Camilo, E. d., & Mello, M. R. (2018). BIG DATA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS MEDIANTE TEORIA CRÍTICA. *Complexitas - Revista de Filosofia Temática*, v. 3, n. 1, pp. 50-60. Fonte: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/complexitas/article/view/6633>
- Sequeira, V. C. (2009). Pedro e o Lobo: O Criminoso Perverso e a Perversão Social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 25, n. 2, pp. 221-228. Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722009000200010&script=sci_abstract&tlng=pt
- Silva, A. L., & Junior, V. B. (2017). APLICAÇÕES E BENEFÍCIOS OBTIDOS ATRAVÉS DAS REDES NEURAS ARTIFICIAS (RNA). *Revista FACIMA Digital - Gestão*, Ano 2, pp. 29-43. Fonte: http://www.facima.edu.br/instituto/revista/arquivos/ano2/revista_facima_ano_2_aplicacoes_beneficios.pdf
- Silva, M. M. (2012). Freud e a atualidade de O mal-estar na cultura. *Analytica, V.I, n.1*, pp. 45-72. Fonte: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2316-51972012000100004&script=sci_abstract
- Spielberg, S. (Diretor). (2001). *A.I. - Artificial Intelligence* [Filme Cinematográfico].
- Spielberg, S. (Diretor). (2002). *Minority Report* [Filme Cinematográfico].
- The Guardian. (17 de Março de 2018a). *Revealed: 50 million Facebook profiles harvested for Cambridge Analytica in major data breach*. Acesso em 1 de Março de 2019, disponível em Site do The Guardian: <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/data-war-whistleblower-christopher-wylie-faceook-nix-bannon-trump>
- The Guardian. (18 de Março de 2018b). *'I made Steve Bannon's psychological warfare tool': meet the data war whistleblower*. Acesso em 1 de Março de 2019,

disponível em Site do The Guardian:
<https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/data-war-whistleblower-christopher-wylie-faceook-nix-bannon-trump>

The Verge. (4 de Setembro de 2017). *Putin says the nation that leads in AI 'will be the ruler of the world'*. Acesso em 1 de Março de 2019, disponível em The Verge:
<https://www.theverge.com/2017/9/4/16251226/russia-ai-putin-rule-the-world>

UOL. (18 de Agosto de 2018). *Mentira que mata - O passo a passo do 1º caso de repercussão no Brasil em que notícias fraudulentas levaram a uma tragédia*. Acesso em 1 de Março de 2019, disponível em Site da UOL Notícias:
<https://www.uol/noticias/especiais/das-fake-news-ao-linchamento-como-uma-mentira-levou-a-morte-de-uma-inocente.htm#mentira-que-mata>

Vasconcelos, O. d., Vieira, M. d., & Cal, D. G. (2017). Vitrine Virtual: comunicação, práticas corporais e sociabilidade no Grindr. *Verso e Reverso, Vol. 31, n. 76*, pp. 36-45. Fonte:
<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2016.31.76.04>

Veloso, I. A., & Moreira, B. D. (2014). A Relação dos Adultos/Idosos de Zonas Rurais Pantaneiras da Região Mato-Grossense com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação. *XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste*. Águas Claras - DF. Fonte:
<http://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2014/resumos/R41-0341-1.pdf>

Vieira, M. d., & Santos, L. G. (2016). Aplicativos Mobile, Comunicação e Relacionamentos: Construções e Vivências Identitárias em Mídias Geo-localizadoras. *Temática, Ano XII, n. 11*, pp. 117-132. Fonte:
<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/31530>